

JUNHO DE 1908

## KMO

## SUMMARIO

|                                                        |                    |
|--------------------------------------------------------|--------------------|
| Exposição Nacional.....                                | Gravuras           |
| A Invasão Amarella.....                                | Celso Vieira       |
| Melancolicamente.....                                  | Cunha Mendes       |
| A Musa Anonyma.....                                    | Mario Behring      |
| Eugène Loudun.....                                     | Dr. Cesar Vellozo  |
| O Primo Basilio.....                                   | Gonzaga Duque      |
| Na Fronteira.....                                      | Dionisio Cerqueira |
| Buenos Aires.....                                      | Thomaz Lopes       |
| Arredores de Manáos.....                               | Gravuras           |
| Floços de Caldas (cachoeira grande).....               | Gravura            |
| Recordações de Viagens.....                            | Eduardo Socrates   |
| Pavilhão da Exposição Preparatória de<br>S. Paulo..... | Gravura            |



Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



# A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos  
Sobre a Vida

Auctorisada a funcionar pelo decreto  
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA  
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:  
Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos:  
Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:  
Rs. 8.000:000\$000

Apolices com Sorteio Semestral  
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA  
EQUITATIVA

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e  
15 de Outubro de todos os annos

Agencia em todos os Estados  
da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



*L. Musso & Co.*



# L. MUSSO & C.

## PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica  
Retratos em côres (Monocromos)  
de bellissimo effeito e inalteraveis.

## LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas  
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

**Extracções ás 2  $\frac{1}{2}$  e aos Sabbados ás 3 horas**

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria  
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

**SABBADO, 22 DO CORRENTE**

181 — 2º

Por 6\$300

# 100:000\$000

Por 6\$300

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 10





## REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

|                       |                                                                                                |                                        |
|-----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| Director-Proprietario | ASSIGNATURA ANNUAL                                                                             | Redacção e Officinas                   |
| JORGE SCHMIDT         | INTERIOR. . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . 25\$000<br>NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000 | RUA DA ASSEMBLÉA, 62<br>RIO DE JANEIRO |

ANNO V

JUNHO 1908

N. 6

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

### AOS NOSSOS LEITORES

A OS nossos assignantes e leitores pedimos desculpas pela demora que tem havido na publicação dos ultimos numeros desta revista, devida a motivos alheios á nossa vontade e que julgamos agora desaparecidos.

Com o proximo numero de Julho regularizaremos de novo a sua publicação, de forma que possa *Kósmos*, como até agora, surgir com a pontualidade a que habituou os seus apreciadores.

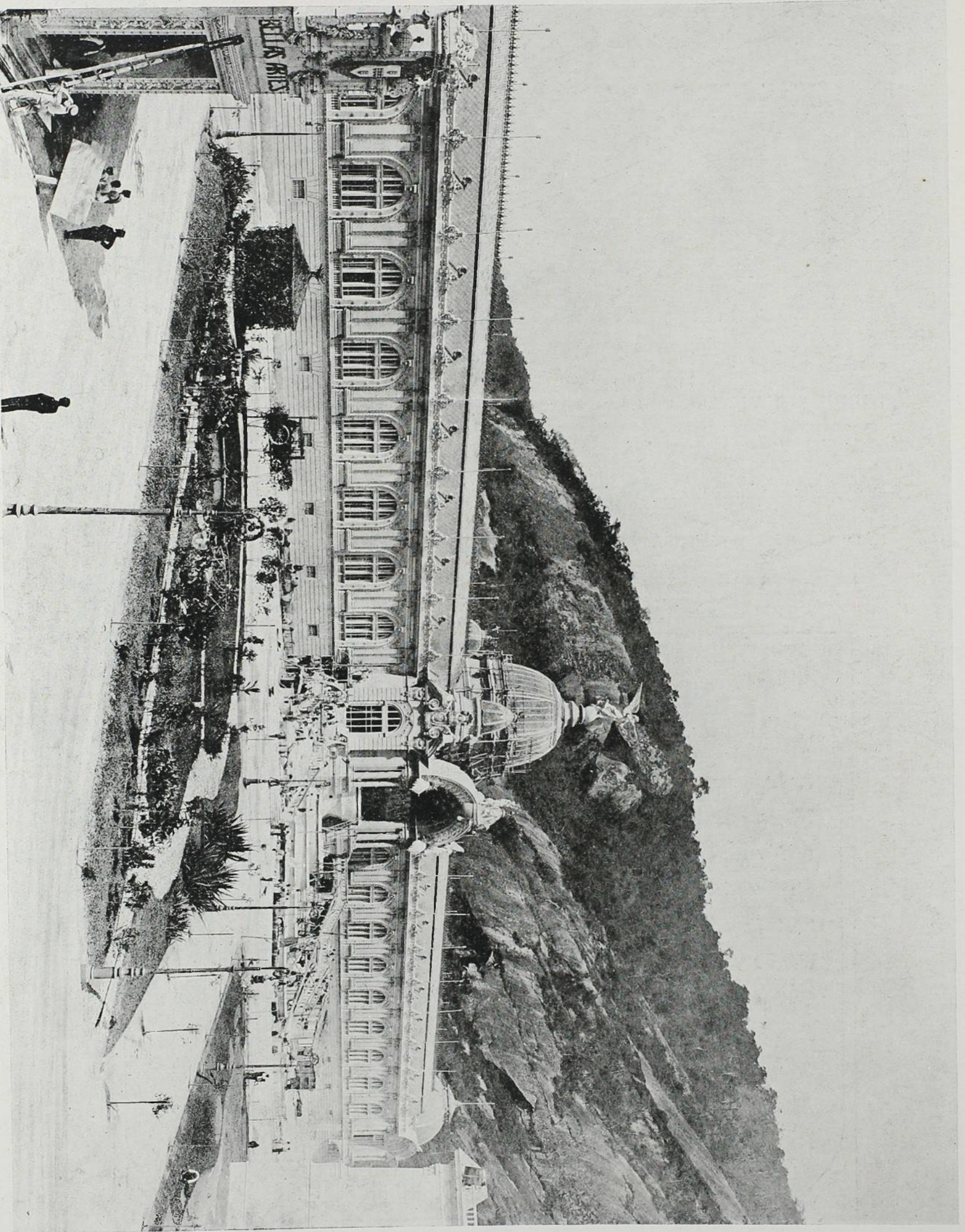
Os numeros de Julho, Agosto, Setembro e Outubro trarão vistas completas da Exposição Nacional, photographias dos pavilhões e de seus mais interessantes aspectos, de sorte que os leitores dos Estados possam fazer idéa segura do que foi a nossa primeira grande feira.

Os inumeros clichés que temos preparado e iremos executando enquanto a Exposição estiver aberta, formarão um verdadeiro album, á vista do qual far-se-á perfeita idéa do grandioso certamen, perpetuando nas paginas de *Kósmos* o resultado conseguido pelo esforço do actual governo na sua organização.

E com essa explicação, julgamos que nos seja relevada por nossos leitores a falta cometida.



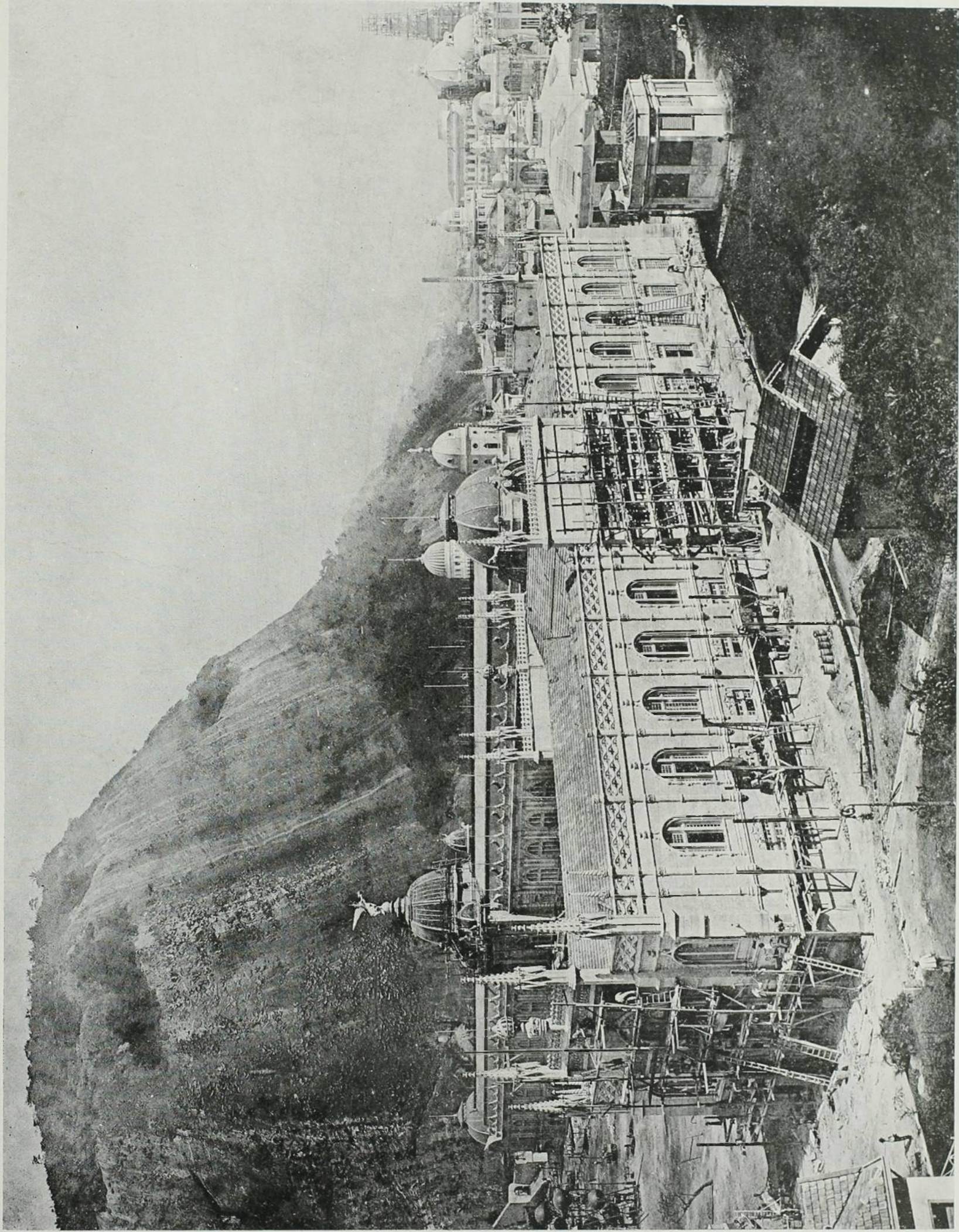
# Exposição Nacional



ASPECTO DAS OBRAS



# Exposição Nacional



ASPECTO DAS OBRAS









## A Invasão Amarella

Os primeiros mongoes encommendados ao sr. Rio Midzuno dispersaram-se nos cafezaes de S. Paulo, enquanto o silencioso vapor que os trouxe, demandando agora silenciosamente o porto donde largou com essa primeira carga de povoadores do solo, vae abarrotar-se de outros para os despejar, silenciosamente ainda, neste deserto Brasil. Tudo em silencio, na paz como na guerra... Aos centos, aos milhões, elles inundarão assim lentamente, pausadamente, as florestas, as villas, as cidades, multiplicando-se por toda a parte o homem de face glabra á medida que recuarem os limites da singular experiencia, e as familias aqui estabelecidas pelo contracto se reproduzirem, como entre os japonezes é de praxe, com a fecundidade assombrosa das cobayas, e accrescerem á tribu mongolica novas familias, innumeraveis, na plenitude alacre da mesma força reproductora...

Emfim, sob a influencia bizarra da cultura shintoista do Extremo Oriente, evoluiremos desta vez para um typo de absoluta pureza ethnica e de perfeita unidade nacional. Cruzamento nunca d'antes sonhado! Crystallisação radiosa nas entranhas da Terra Promettida! O carvão africano a converter-se e rutilar no diamante amarello...

Para nós, que medravamos sobre a ruinação da cidade greco-romana, a velha cidade esboçada e morta, sem outro sonho que esse velho sonho de progresso e de belleza transfigurado no christianismo, um banho lustral de civilisação asiatica é um resurgimento á luz da aurora e ao vir da primavera. Nas turvas origens da nossa mestiçagem pesava a tremenda calamidade da raça branca e — porque não o diremos? — sempre nos affligiu esta aristocracia da especie mesclando-se á pelle negra e á pelle vermelha com que se resguarda e se ufana o arcabouço da nacionalidade. Que os Estados Unidos, seleccionando os factores da sua prole, tenham os seus destinos vinculados á irradiação planetaria dos brancos; que os rudes senhores do novo mundo contraponham, no orgulho da sua linhagem saxonica, a muralha de aço da frota Evans á tumultuosa corrente nipponica. A bandeira das listas e das estrellas immerge no crepusculo de povos decahidos, amortalha a tristeza das raças cuja vitalidade se esgotou, cuja trajectoria se perfez. Mais previdentes e sabios, adstrictos ás leis do nosso heliotropismo, voltamo-nos para o imperio do Sol Nascente, para o japonês remoeado e impetuoso, a quem

offerecemos as primicias da terra virgem e abrimos o coração hospitaleiro. Deslumbra-nos o shintoismo com as suas dansas, as suas mascaradas, as suas pequeninas sacerdotisas movendo-se airoso, na invocação dos genios tutelares; já o arroz propiciatorio fumega, do rio Paraná ao rio Negro, para as offerendas rituaes sobre o altar dos antepassados; e ao nosso enthusiasmo de conversos não bastariam os trezentos mil templos, santuarios e capellas em que André Bellessort viu florir o espirito religioso do Japão.

\* \* \*

Direis que a pilheria é inopportuna, que esse contracto vale por uma grande promessa e uma grande esperanza. Imobilizados sobre a enorme base territorial de uma riqueza illusoria, todo o nosso esforço ha de convergir para aquisição dos outros elementos em que se integra o conceito economico — trabalho e capital. Este, máo grado a usura do argentario semita e a perfidia incoercivel do *Financial News*, será obtido nas praças da Europa, cujo mealheiro transborda sobre o infinito campo de exploração dos paizes novos, e aquelle nas collinas da Asia, onde as reservas humanas se accumulam e extravasam. Com effeito, nada mais simples. A terra natal carece de braços, e a garra japoneza alonga-se para o seu cultivo, para semear, produzir e recolher. Quem desconhece as qualidades excepcionaes do imigrante japonês, a sua capacidade, a sua energia, a sua resistencia, o seu espirito disciplinado e laborioso? Se o isolamos como operario ou lavrador, elle é typo ideal do homem que se explora desattentamente e que nunca se queixa, nem se rebella contra a mesquinhez do salario e o peso do fardo. Como povo, bem conhecemos o valor do japonês enroupado á moda europeia, desde que ao feudalismo dos samoraes e daimios pomposos mas inuteis sobreveiu uma democracia ajoelhada aos pés do Mikado. Em vinte annos o Japão assimila destramente o que o genio aryano vem creando num doloroso trabalho de longos seculos. As suas virtudes heroicas desafiam a China — e abatem o imperio dos mandarins; desafiam a Russia — e levam á paz de Portsmouth o imperio dos cossacos. O culto da Patria e o culto da Morte retemperam a alma japoneza, fortalecem-na para as supremas façanhas da epopéa, e ante os seus milagres de pertinacia, impavidez, temeridade, mal comprehendemos que a pobre argila humana ainda tenha essa vibração gloriosa numa época de gente egoista e pacata. Façamos aos nippões as honras da casa: ha logar para todas as grandezas no despovoado seio da America latina.





Tudo isso direis a quem assignalar com azedume ou brandura as consequencias fataes desse acto inicial de occupação da nossa terra pelo mongol recém-vindo. Ora as qualidades nipponicas se me representam da mesma sorte apreciaveis, mas localisadas no Extremo Oriente, porque não poderei nunca dissociar-as do organismo nacional que as enfeixa e concentra. Alguem observou exactamente como o japonês só adquire personalidade após a morte, constituindo em vida um atomo dessa molecula social — a familia. Seria justo accrescentar que a sua tradição religiosa e heroica subordina o conceito de familia ao de patria e que, emigrando, a imperceptivel unidade nunca se desaggrega moralmente do originario e homogeneo systema de forças. Ella continua a gravitar para o mesmo destino, com os mesmos sentimentos, as mesmas idéas, os mesmos caracteres e prejuizos de raça, transmittidos inalteravelmente á sua descendencia. Irreductivel a todo o processo de assimilação, por toda a parte synthetisa o arrogante exclusivismo japonês; e onde os mais heterogeneos elementos se agrupam, se combinam, se identificam, a universal tendencia é para fechar a porta a essa indole avessa a qualquer solidariedade, a esse hospede incapaz de qualquer sympathia.

\* \* \*

Ides agora ver como se approximam e se enlaçam os nossos reciprocos interesses.

Annualmente, no Japão, os nascimentos exceedem os obitos numa estonteante cifra de 700.000 almas. E' um grupo de algarismos que desconcerta a judiciosa abstinencia dos malthusianos e faz sorrir o parisiense incredulo, mas na realidade é assim: taes cousas, em Yokoama e Kobé, não se passam como em Paris e Marselha. A estatistica desvaira, consignando o vertiginoso crescimento em que a seiva humana eguala o prodigio das seivas tropicaes. Inaudita fecundidade! Cada manhã, invariavelmente, ha 1900 ou 2000 japonezes a mais sobre a população da vespera, e como nas agoas de viveiro asiatico se revolve o furioso cardume, á procura de uma sahida, o japonês emigra sem cessar, prolifico e terrifico... Sob a propria bandeira do Japão agora se distende a Coréa, o tumultuoso reino peninsular da *Serenidade Matutina*, onde se esbordão protectores e protegidos, mas na Coréa o processo de multiplicação amarella é tambem escandaloso. A Mandchuria, immensa, offereceria um bello pasto verdejante ás hordas famelicis se alli não estivesse o formigueiro chinês. Toda aquella zona, porém, se reduz a um grão de areia onde o chinês fervilha. E escoraçado o japonês da costa americana do Pacifico, repellido

da Siberia, da Australia, do Canadá, onde a população vae tendo a respeito desse immigrante os mesmos sentimentos que explodiram em S. Francisco da California, apenas resta um desaguadoiro á enchente humana da Asia... Foi o que disse no seu curso da Sorbonne, um curso fundado para os americanos por J. Hyde, o douto professor Archibald Cary Coolidge, da universidade de Harward, cujas lições nos apparecem compendiadas e traduzidas em francez, sob o titulo de — *Les Etats Unis — Puissance mondiale* — com elucidativo prefacio do eminente Leroy Beaulieu: «Não resta aos japonezes senão a America latina, onde a perspectiva é melhor; ainda assim os Estados Unidos, conquanto só indirectamente se manifeste aqui o seu interesse, poderão ser levados mais tarde a *complicações desagradaveis*.»

\* \* \*

Porque as terras da America latina convidam e seduzem os nippões, explica-o succintamente o douto Archibald, homem de vasta erudição e vasta experiencia, flôr do saber universitario dos Estados Unidos. Ellas são ferteis, amplas, mal povoadas. A excellencia do clima não é menos tentadora que a exuberancia das riquezas naturaes. E quem domina essas collinas suaves, as terras incultas desse maravilhoso continente? Archibald revela-o sem diffculdade aos japonezes, que lhe agradecem por certo a inestimavel revelação: «O que se lhes depara de onde em onde é uma população indolente, mistura de tres raças, a branca, a negra, a vermelha, incapaz de manter nessa ordem de relações a attitudo sobranceira do anglo-saxonio.»

Extraordinaria a linguagem do sabio, mais amigo da verdade que nosso amigo... Ingenuos e vaidosos, affeitos á doçura e á caricia da phrase de Elihut Root, bem depressa olvidaes que mestre Archibald não está discursando no palacio Monroe, a serviço da causa pan-americana, mas leccionando na Sorbonne, onde não foi contractado para nos dizer cousas amaveis. Deixemos entretanto o commentario da vaidade ao Ecclesiastes e sigamos Archibald no rastro dos japonezes: «Elles começam a estabelecer-se no Chile e no Perú, sendo ali bem acolhidos: ultimamente assignaram com o Brasil um tratado para introducção de colonos, mediante concessões de lotes agricolas. Uma linha japoneza manterá communicações directas entre o imperio do Mikado e os grandes portos da America do Sul. Em taes condições é provavel que, nesses paizes, a immigração nipponica se desenvolva em larga escala, e beneficio immediato de todos os interesses.»



Mas não rejubilemos apressadamente á vista dos beneficios immediatos, que logo se retrahem e se dissipam, com a superveniencia de males inevitaveis.

«A presença de um grande numero de japonezes, mesmo nos territorios de população escassa da America latina, poderá occasionar cedo ou tarde uma certa agitação. E ella sobrevirá tanto mais depressa quanto mais rapida fôr a prosperidade dos japonezes. A hypothese, aliás, nada tem de improvavel, pois que elles já se ergueram á altura de uma concorrência muito mais seria que a do sul-americano. Desarrazoado é suppor que os japonezes previnam essa hostilidade, mercê da sua modestia, ou por uma assimilação a breve trecho. Com effeito, nos Estados Unidos, onde taes imigrantes se confessavam nossos discipulos, as recriminações mais frequentes visavam o seu orgulho insupportavel. Que succederá, então, nos paizes onde os japonezes vão entrar levando a certeza de uma superioridade incontrastavel sobre os indigenas? Quando á sua assimilação, se é difficil prefigurar a metamorphose dos japonezes em *bons americanos*, ainda se faz preciso um esforço maior de imaginação para os conceber transformados rapidamente em peruanos ou brasileiros. Por outro lado, elles não se deixariam tratar no Brasil como se fossem chins. Ora a experiencia nos demonstra que em certas republicas latinas os direitos dos estrangeiros nem sempre são respeitados. E uma certeza devemos ter: o governo de Tokio jamais deixará de proteger os seus nacionaes em qualquer parte do mundo, jamais permanecerá de braços cruzados quando se fecharem, uma por uma, todas as portas. Deante de um poder como o dos Estados Unidos é comprehensivel a sua moderação, e até mesmo a sua boa vontade em ajudal-o a sahir de uma situação difficil, mas outro seria o caso, tratando-se, por exemplo, de qualquer medida affrontosa que partisse do Equador. E' crível que o Mikado accitasse uma lei de exclusão dirigida contra os seus subditos? Custa imaginal-o...»

Se os nossos agentes de propaganda rectificarem o erro ou a malicia de Coolidge, sobre o tratamento dispensado pelo Brasil aos chins pois imitámos apenas os Estados Unidos prohibindo a sua entrada e não nos accusa a consciencia de haver enforcado algum delles por estas paragens), nada mais temos a oppôr aos seus formidaveis assertos.

Eis o que a sabedoria e a experiencia nos annunciam, recolhendo os amargos fructos da immigração japoneza. Desse contacto surdirá necessariamente o conflicto.

Ainda mais irreductivel ao nosso typo que o allemão de Blumenau ou de Joinville, e ainda

mais orgulhoso que este ao invocar o esplendor e a solidez do seu poderio, o homunculo da Asia modernizada em vinte annos resiste á força absorvente de uma civilização feita de vida intensa como a dos Estados Unidos, e quando se afasta da sobrehumana tarefa o proprio *yankee*, desilludido ou, melhor, desalentado, não extrahiremos por certo da raça amarella o brasileiro catholico ou positivista, fiel á bandeira auri-verde e ao pacto de 24 de Fevereiro. Deslocado o mongol da lavoura para a industria, ou mesmo naquella esphera, a immensa redução dos salarios, correspondente á das suas necessidades materiaes, suscitará o protesto, o sobresalto, a revolta do trabalhador europeu e do trabalhador nacional, sem que possamos talvez remediar toda essa desorganização economica, impondo ao Mikado as razoaveis clausulas de um accordo semelhante as que fez cessar o panico de S. Francisco da California. E não permittindo a severa doutrina de Monroe, aliás variavel com o espirito do tempo e as idéas do governo, como ensina o proprio Archibald, que os norte-americanos se conservem alheios a taes movimentos, já o tio Sam vae franzindo o sobr'olho e apercebendo-se para uma vigilancia mais obsequiosa em torno das republicas latinas do continente. De resto, se o japoniez temerario e ambicioso chegou a idealisar sob o prestigio mundial das côres americanas o *Shin Nippon* (*Novo Japão*), porque não se entregaria aqui ao sonho de um Japão ainda mais novo e mais plausivel, dadas as nossas condições de inercia e de inferioridade, a juizo dos sabios professores de Harward, transplantados carinhosamente para a Sorbonne?

\*  
\* \*

Algumas palavras de Leroy Beaulieu, no prefacio ás lições de Archibald Cary, ajustam-se maravilhosamente aos nossos ensaios de colonisação japoneza:

«Os Estados Unidos devem a sua grandeza, como a sua existencia, á immigração. Suspended-a, é deter voluntariamente o prodigioso impulso da sua população e da sua riqueza. Os mais clarividentes e os mais ponderados não o ignoram: todos os americanos, porém, desejam que os Estados Unidos permaneçam (tanto quanto o permittem os negros do Sul) um povo da raça branca.»

«Não que elles considerem os «amarelllos», sobretudo os japonezes, como productos de raça inferior: ao contrario, dos japonezes se arreceiam os operarios americanos, em geral, como de perigosos concurrentes. Mas operarios e politicos não divergem quando se trata de



evitar que os formigueiros humanos do Extremo Oriente façam da California e dos estados vizinhos uma colonia asiatica.

E alli o perigo é real; neste sentido o «perigo amarello», vao espectro para a Europa, constitue para a America uma verdadeira ameaça.»

\* \* \*

Ora o Japão deixou ha muito de ser um exotismo que se cultivava em romances frivolos ou se collecciona em fulgidas laccas. Nelle alvoreceu a consciencia de uma tremenda força obstinada e silenciosa, crescendo, alargando-se, expandindo-se á face da terra, com aspirações universaes de gloria e de poder, a exemplo

dos grandes imperios planetarios a que a visão prophetica de Carlyle attribuiu a hegemonia do mundo. Se o conhecesse nesta hora de transformação, de accrescentamento, de perseverança inflexivel, de esforço e aventura, o rigido puritano do *Past and Present* addicionaria essa unidade temivel aos quatro povos *mudos e graves*, que um dia estabelecerão a conquista sobre o cháos, subjugando os amorphos, ociosos e tagarellas que enxameiam na sua nuvem de pó.

Mas não ouçamos Archibald Cary nem Leroy Beaulieu—e cultivemos delirantemente o japonéz...

CELSE VIEIRA.

## MELANCOLICAMENTE

I

CARLOS BRUNO, terminado o jantar, ficou de pé, debruçado da varanda, contemplando tórres de egrejas, tectos de edificios, recantos de aguas e linhas de montanhas.

Do hotel, situado em Santa Thereza, era-lhe de costume admirar aquelle panorama e, porque a luz do crepusculo impregnava de melancolia a belleza do scenario, elle permanecia em silencio, embebendo-se da tristeza, espalhada por céus terras e mares.

E foi ao morrer da tarde, avermelhada pela angustia do sol agonisante que Carlos, vendo um paquete sulcar as placidas ondas, teve um repentino estremecimento, projectando-se-lhe na téla da memoria a claridade de uma recordação esbatida por entre as sombras de um longe passado.

Acontece do mesmo modo a quem, escutando um trecho musical em momento de felizes amores e tendo-se afastado por successivos annos da mulher querida, vae descuidoso pelas ruas a fóra, quando de subito aquella musica, ouvida em tempos de alegria, lhe desperta o coração, accordando inesperadamente a saudade de remotos prazeres.

Recapitulando o livro dos extinctos idéas, acompanhava com olhares melancolicos a marcha do navio que, demandando a barra, dei-

xava atraz de si a esteira de espumas, embaçadas pelas ondas e, em poucos minutos, desfeitas. Vão-se assim os humanos em busca da felicidade: poucos alcançam, por sob a cúpola de um céu radioso e por sobre a prateação de um mar tranquillo, o porto das venturas; muitos, condemnados desde a infancia a naufragios, desenrolam pelo sinistro percurso a esteira de lagrimas, luctam contra as tempestades, lançam ao pélagos as bagagens de esperanças e, si não são tragados pelas furias dos vagalhões, encontram desfallecidamente o amparo em praias desertas. E, ferindo mais tarde os pés por inhóspitas e tortuosas estradas, arrastados por novos desesperos, tombam nos tumulos.

Dominado por esses pensamentos, evocava a hora em que partira de Santos em rumo do Paraná, investindo o «Aymoré» contra as ondas e ventanias. Lá repousavam, immoveis e enjoados, um conego, um official do exercito e diversos passageiros, destacando-se a senhora de olhos azues, cabellos louros e boca enflorada por leve sorriso.

Era Esther.

Ella, o seu filinho Gil e a sua progenitora, de cabeça ornada pelos fios de prata e de olhos profundamente meigos, dirigiam-se para Santa Catharina, evitando durante a viagem quaesquer diversões com os passageiros, passeando agora os olhares pelas vizinhanças de Cananéa e contemplando em seguida os tons alvos da casaria, entresachados das côres verdes e escuras do arvoredo.

Houve a bordo um rapido movimento de manobra, descendo com violencia a ancora.



O «Aymoré», horas depois, deslisou, manso, muito manso, pelo rio da Ribeira cujas margens verdejantes, numa festividade primaveral, pareciam sorrir á belleza diaphana do firmamento.

Surgiam, por ali e por além, humildes choupanas de pescadores; um brigue, de velas enfunadas, navegava ao longe; uma pedra, cercada pelas aguas, supportava desoladamente a soledão do captiveiro e da esterilidade; e as gaivotas, de pennas brancas e escuras, voavam por sobre as ilhotas, cobertas de frondosos vegetaes, pou-savam no liquido elemento, atiravam-se aos espaços, aproximando-se e fugindo do paquete.

Esther, no tombadilho, estirada sobre a cadeira, scismava.

Ao vel-a naquella posição de indolencia, Carlos Bruno achegou-se, emmarando-a em teias de elogios e distrahiendo-a com os commentarios de narrativas alegres. Ella permittia-lhe a liberdade, visto que o seu esposo e Carlos, unidos pela camaradagem de muitos annos, a haviam affeito ao jôgo de elegantes palavras, sem uma inconveniencia quebrar jamais a linha do respeito, ou accentuar uma intenção maliciosa.

Assim era que, entre Esther e Carlos, nunca a simples e passageira leviandade de gestos suggerira a hypothese de traição á honra de Eugenio Breves que, abrindo ao amigo as portas do lar, lhe conhecia a firmeza de caracter e sentimentos.

Convidado a advogar em Curityba os interesses de uma casa commercial, Bruno viajava por méro acaso com a familia de sua intimidade, procurando ser-lhe util nesses dias de convivencia e distinguindo-a com a jovialidade de suas phrases.

## II

Não foi a curva dos seios — uma curva de epiderme clara e uns seios de encanto verginal; — não foi o torneado da perna, em flagrante insolencia de belleza, vedada ao strabico olhar da concupiscencia; não foi aquelle abandono, dando-lhe ás fórmulas uma vaga expressão de volupia; não foram esses encantos que, perfidos e avassalladores, accordaram na sensibililidade do advogado as primeiras vibrações passionaes, fazendo-o recriminar-se de enganar uma leal amisade e impellindo-o ao mesmo tempo a scismar nas consequencias da posse: era illogico, mas amoroso.

A ausencia de Breves, a alegria das palestras, o resplendor do sol nas margens verdejantes, a limpidez do firmamento, a vastidão do horisonte e a magnificencia dos panoramas, é que, sacudindo-lhe os nervos, perturbando-lhe os instinctos e agitando-lhe as ancias de amor

e ventura, lhe transvasaram o violento desejo de viver na vida da mulher virtuosamente bella, viver um minuto e, deste minuto, gnardar uma recordação inextinguivel.

A obscura idéa que, rapida, o assaltara, sendo logo expulsa, voltara-lhe em seguida e, sendo ainda rechaçada, tornara a sedusil-o, animando-o a examinar as linhas, os contornos e as perfeições da loura senhora: extinguiu-se-lhe pouco a pouco os melindres, substituidos lentamente pela esperança da conquista. E, si o contacto d'aquellas mãos graciosas, a doçura d'aquelles labios e a fragilidade d'aquelle corpo nunca lhe tinham perturbado o espirito, sentia agora que um gesto, uns longes de affecto e uns nadas de familiaridade lhe causavam impetos de aprisional-a em seus braços, vencendo-lhe os sobresaltos do pudor e incutindo-lhe na pureza dos sentimentos a cumplicidade criminosa.

A poesia, que transpira do amor vedado, ornava de inéditos primôres a mocidade de Esther, como si de sua voz cascadeassem beijos, de seus sorrisos chovessem caricias e de sua pelle brotasse uma surprehendente floração de gosos,

Si a malicia da requestada não era extraordinaria, sobrava-lhe comtudo a argucia com que as mulheres, n'um rapido olhar, devassam o coração de um galanteador: ella comprehendeu a influencia das tentações, não fechou os ouvidos aos periodos de profunda intensidade e não se rebellou contra a superabundancia de gentilezas.

Aportando em Iguape, os passageiros tomaram rumo de terra e espalharam-se pelas ruas, ao passo que Bruno, sem coragem de abandonar o paquete, transformado em ilha de amor, apurava as suas delicadesas para com a linda viajante.

## III

Elle nunca mais se esquecera do simples movimento — o rapido e leve impulso da fronte — com que Esther, sorrindo e fugindo, lhe correspondêra affirmativamente ao convite de des- embarcar em Paranaguá. Parando neste porto, o «Aymoré» seguiria depois para o de Antonina e retornaria á tarde para aquelle, continuando então a viagem em rumo do sul. Restava-lhes fruir, entre a ida e a volta do navio, as horas de liberdade em Paranaguá, donde Carlos partiria pela estrada de ferro para Curityba, e Esther seria pelo paquete conduzida para os climas catharinenses. Perdida a oportunidade, offerecida por um passeio em terra, ficaria o livro de suas existencias com um capitulo em branco, tarjado com o lucto da ausencia.



Bruno, immobilizado numa cadeira de lona, aguardava o passar dessa ultima noite, soffrendo as anciedades, construindo castellos e afugentando a recordação do amigo ausente.

O luar, como um lençol macio e interminavel, cobria o dorso do velho oceano; a agua, chapinhando no costado da embarcação, deramava na tristeza da amplidão a dolencia de uma elegia; e os sons abafados do piano, na simplicidade de um trecho musical, pouco a pouco o arrastaram para as nevoentas regiões das scismas. Rememorou os pequeninos factos, que repassados de angustias ou illuminados de alegrias, se fechariam com a realisação de seus ardentes desejos e, tendo percorrido as alternativas de temores, duvidas, esperanças e promessas, podéra chegar ao cúme da felicidade, recebendo de Esther aquelle divino gesto affirmativo, equelle medroso sorriso, aquelle rapido movimento de acquiescencia. Desembarcando com ella e o Gil, visitariam as praças, as egrejas e os logares mais pittorescos e, depois de fatigados, procurariam no hotel as horas do descanso. Seria então propicio o momento para o ultimo appello sentimental, seguindo-se o almoço, regado com vinhos caros e poetisado pelos arroubos lyricos de juramentos amorosos. A victoria parecia-lhe segura, visto que a progenitora de Esther, victima de velhice e affeita á commodidade, não desistiria de sair do camarote, confiando-lhe com a maior satisfação a filha e o netto.

Emquanto a expectativa dos praseres lhe exaltava as faculdades, sentia-se feliz por haver gosado as violentas e innumeraveis sensações, desde o primeiro olhar significativamente timido até á ultima palavra timidamente significativa. Que mais desejava? Aspirava o perfume da flor, entrecerrada de leve, em plena exuberancia de côres e em plena magnificencia de graças: desde que a possuísse, vel-a-ia murchar e morta. Não disem que a pôsse enfraquece e extingue o excesso dos desejos? E não são os desejos que, alimentados pela mulher amada, propinam infinita ventura, incomparavel felicidade e extases perennes? Para que tombar no esteril deserto da realidade, para que expulsar do coração a poesia de trechos irreproduziveis, para que dar á historia sentimental desses dias o epilogo das conquistas vulgares? Si havia visto, sentido e gosado, as duvidas, as superexcitações, os impetos de praser, as torturas e a terna submissão da captiva; si saboreara, instante a instante, a harmonia desse poema cujas ideas, provocadas pelo combate travado entre a traição e a fidelidade, ficavam para sempre trancadas n'alma feminina; si guardava comsigo, como diamantes occultos no seio da terra, as joias mais preciosas e raras que são os sorrisos e as la-

grimas, inspirados á mulher querida; si as asas do triumpho agora lhe cobriam a fronte, porque abandonar os dominios do ideal e rastejar nos sáfaros arêaes da realidade?

## IV

Carlos Bruno, despertando cêdo, subiu para o tombadilho, fitando os multiplos aspectos de Paranaguá e aguardando a presença da loura viajante.

Após longa demora, elle, Esther e Gil entraram n'um escaler e, postos em terra, na glorificação do dia brandamente fresco e alagado de luz, perambularam com alacre jovialidade e, tomados de fadiga e appetite, caminharam em rumo do hotel cujo proprietario, pensando haver em suas pessoas os laços de familia, composta de pae, mãe e filho, os recebeu com desmedido apreço, offerecendo-lhes um excellente quarto e deixando-os em liberdade.

Bruno realisava o programma, traçado na noite anterior, tentando agora encobrir a sua exaltação dos sentidos, refreando-se com extraordinario esforço e revelando apparencias de suave tranquillidade. Embora enfebrevido pelas ancias de pôsse, estava sem coragem de encetar as investidas.

Ella, do lado de fóra, sentada numa grande sala, o esperava; elle, no quarto com as janelas abertas para o jardim e alegrecido pelos raios do sol, hesitava; e, entre ambos, palpavam, risonhas e festivas, as risadas do Gil.

Permanecendo alguns minutos entre as quatro paredes e vendo tão perto a arvore da ventura, o advogado soffria entretanto a sensação de ter entre si e a mulher amada uma formidavel montanha cuja altura lhe roubasse o animo de dar o primeiro passo, motivando-lhe hesitações e forçando-o á immobilidade. Descerraram-se-lhe com extrema timidez os labios, murmurando brandamente o nome da fragil senhora. Ella que o escutou, lhe não correspondeu ao medroso appello.

Retirando-se, nervoso e frenetico, e encontrando-a com a criança, Bruno teve de prestar ouvido a um empregado que, pedindo-lhe determinar a hora do almoço, recebeu de Esther a resposta anticipada:

— Póde ser agora.

— Agora... repetiu o advogado machinalmente.

Marchando, lépida e risonha, ella entrou no quarto e deu volta á chave, ao passo que o seu galanteador, sentando-se, cruzando a perna direita sobre a esquerda, ficou a con-



templar, através da janella, um trecho de céu, muito azul, muito puro, muito claro, muito distante.

V

Quando Esther appareceu, Carlos ainda persistia em sua quietude, aguardando melhor oportunidade para repetir o assalto e martyrisando-se com a hypothese de um desastre.

Sentaram-se em tórno da mēsa: o advogado, ainda que levasse ao excesso a insistencia de offerecer vinhos caros á graciosa companheira, não lhe poudo vencer as recusas dulcificadas por desculpas risonhas e sorrisos fascinadores.

Distrahiram-se largo tempo em animada palestra, sendo inesperadamente perturbados pelo hoteleiro, senhora e filhas. Os recémvindos entraram em conversa, sem que Bruno durante tres horas podesse livrar d'aquella prisão a sua dominadora.

— Que formidaveis intrusos! rugia elle, de si para si.

E, irritado, mordendo as pontas do bigode ouviu de subito, como um dóbre funebre de sino, a voz do empregado:

— O «Aymoré» já voltou de Antonina: d'aqui a meia hora, levantará ferro.

Houve em seu coração um soluço de desespero, uma agonia de moribundo, um derradeiro suspiro de esperanza.

Logo que Esther se ergueu e, em busca do chapéu, da bolsa, da sombrinha e das luvas, se dirigiu ao quarto, elle com imperiosa resolução a acompanhou, approximou-se d'ella e, desesperadamente triste e amoroso, beijou-a na divina tepidez da nuca.

De subito repercutiu lá por fóra a voz do Gil, num choro violento, alto e doloroso, chamando-a e arrancando-a do amante. Ella correu á procura do filho, e, retardada alguns minutos, voltou, pegou ás pressas de seus objectos e sahiu em direcção ao ponto de embarque.

Navegaram e, momentos depois, enquanto o «Aymoré» se punha em movimento, demandando terras de Santa Catharina, Carlos Bruno retornou a Paranaguá, dirigiu-se a um recanto silencioso, e, longe de amigos e conhecidos, em cidade extranha, conservou-se n'uma immobildade de pedra, vendo o paquete sulcar as aguas, afastar-se, sumir-se, desaparecer na linha do horisonte.

E, quando a luz crepuscular expirava dolorosa e suavemente, espalhando por toda a parte uma grande melancolia, uma profunda tristeza, uma infinita angustia, elle seguiu em passos lentos para o hotel, abriu a porta do quarto e descobrindo sobre a cadeira uma luva, esquecida por Esther, apertou-a com immenso affecto, cahindo no leito e exclamando febrilmente:

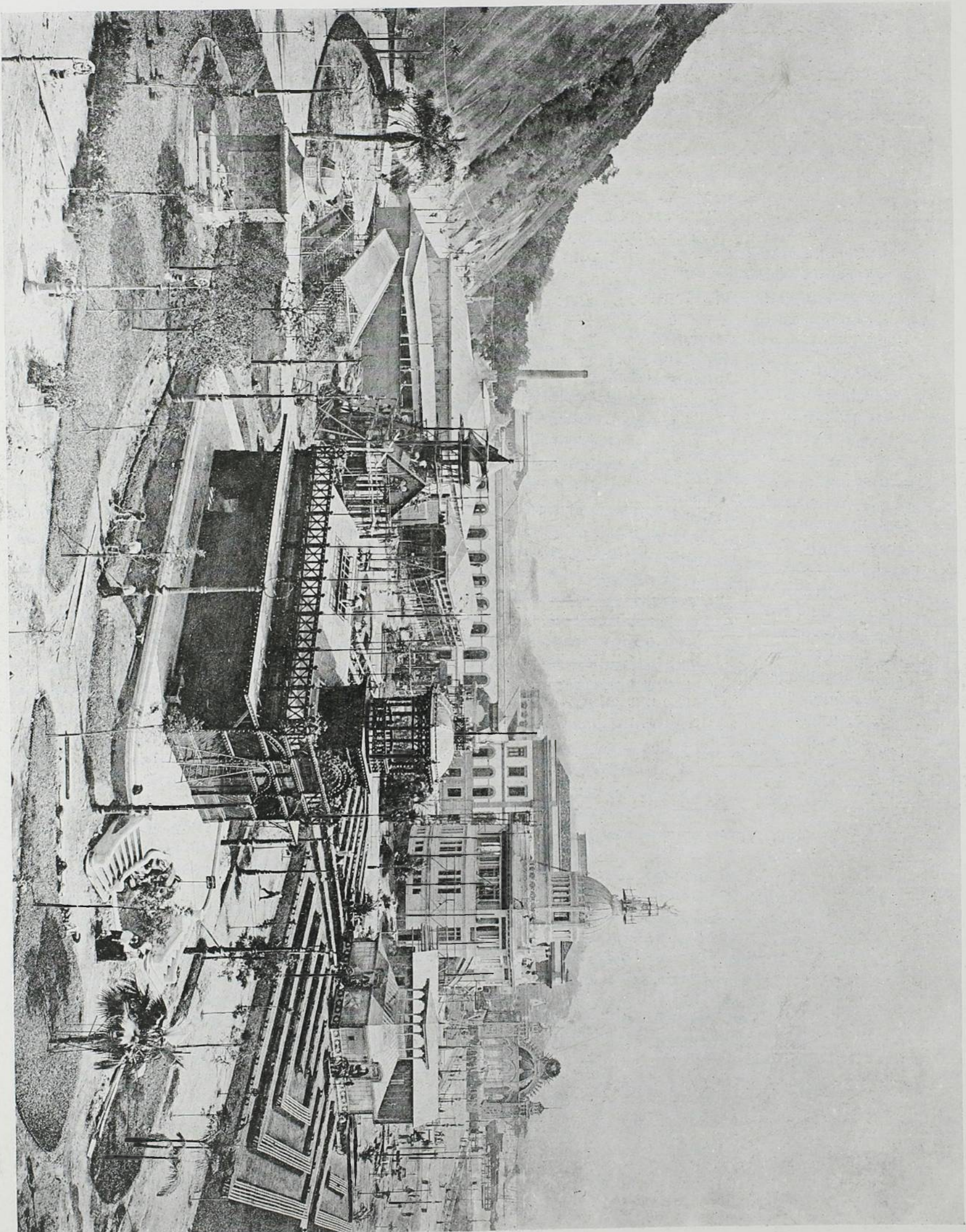
— Vivi o minuto de um beijo, e estou envelhecido por uma eternidade de saudades.

CUNHA MENDES.





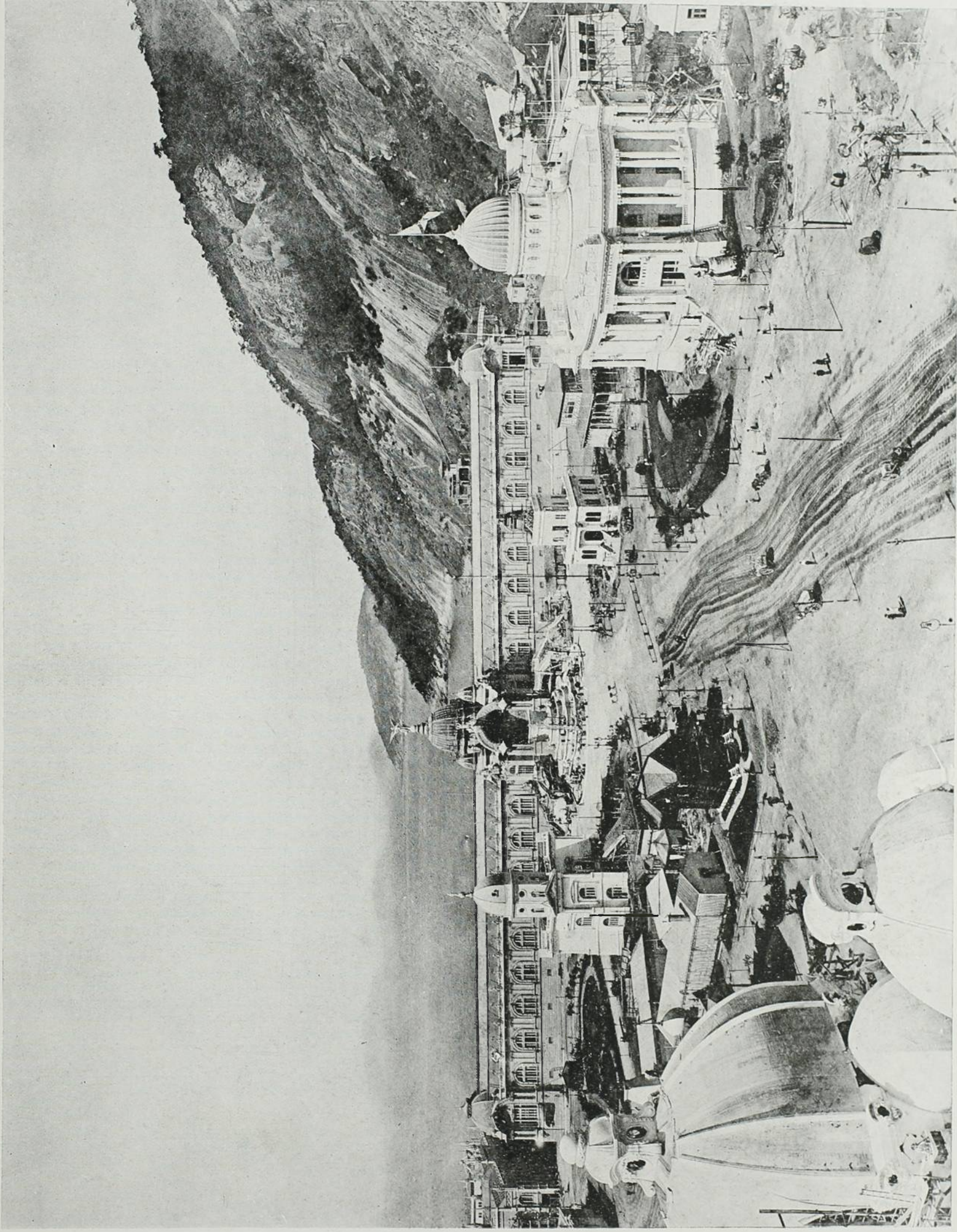
# Exposição Nacional



ASPECTO DAS OBRAS



# Exposição Nacional



ASPECTO DAS OBRAS









# A MUSA ANONYMA

## II

Os filhos do Reino repontavam ás satyras que lhe atiravam os adeptos da independencia do Brasil por meio de versos tambem, que corriam manuscriptos como os outros, alvejando principalmente aquelles que mais se salientavam no movimento separatista.

Cypriano José Barata de Almeida um dos maiores agitadores dos tempos que precederam a independencia, varias vezes perseguido e preso, deputado ás cortes de Lisboa onde se fez logo notar por seu temperamento irritadiço que o levou mesmo a scenas de pugilato com os seus collegas partidarios da união com Portugal, era victima constante das diatribes rimadas dos seus adversarios.

O seguinte soneto a elle dirigido é tambem um cruel ataque ao immortal revolucionario pernambucano Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, martyr do absolutismo:

«Não quero Bispo que sagrado seja  
Nem feito lá no Rio de Janeiro;  
Não o póde fazer Pedro Primeiro  
Bem que contra o meu gosto o povo seja:

Brasil Bispo *maroto* não, não veja  
Fóra tambem qualquer rei estrangeiro  
Escolha-se entre nós hum bom Pedreiro!» (\*)  
Assim Barata o diz, assim troveja.

«Eu quero hum Bispo cá da minha escola  
Que não me fale em Deus, nem seca e Mecca  
Que me vá destruir o jus da Estolla.

Quero hum frade casado, honra da beca  
Rusguento, sem Moral, frade mingola  
Quero emfim, seja Bispo Frei Caneca.

Ainda por occasião da guerra da independencia da Bahia e quando a cidade dominada pelo exercito de Madeira, era assediada pelas tropas libertadoras, corria entre o povo o seguinte dialogo, destinado indubitavelmente a açular contra os soldados portuguezes os naturaes mestiços, falando aos seus sentimentos religiosos:

*Pergunta* — Revelai-me meu Jesus  
Vossa Sagrada Paixão  
E tudo quanto soffrestes  
Pela nossa Redempção.

*Resposta* — Filho meu ide apontando  
Os Mystérios dolorosos,  
Que delles podeis colher  
Os fructos mais gloriosos.

*P.* — Senhor, desejo saber  
Como foi vossa Paixão  
E quem teve tal valor  
Quem commetteu tal traição

*R.* — Já que tu queres saber  
O como, e quem me predeo  
Sabe que foi um traidor,  
Um ruivo d'um Europeu.

*P.* — Quem foi senhor Bom Jesus  
Que com cordas vos atou?

*R.* — Foi aquelle que uma flecha  
Hoje na perna levou.

*P.* — Quem foi que esbofeteou  
Vossa face soberana?

*R.* — Foi o Tenente Coronel  
Da Legião Lusitana.

*P.* — Quem foi que vos accusou  
A Caiphaz e a Pilatos?

*R.* — Foram estes que desejam  
Matar os tristes mulatos.

*P.* — Quem foi que vos arrastou  
Por tão terriveis caminhos?

*R.* — Foram os negociantes  
Juntos com seus caixeirinhos.

*P.* — Quem vos atou á columna  
Quem forão estes falsarios?

*R.* — Foram esses malfeitores  
A quem chamam voluntarios

*P.* — Quem de tão crueis espinhos  
Vos teceu essa coroa?

*R.* — Para isto se ajuntou  
Tudo o que é de Lisboa.

*P.* — Quem foi que mofou de Vos  
Quem cuspiu na vossa Face?

*R.* — Foram os dous Engenheiros  
De quem todo o mal nos nasce.

*P.* — Quem vos poz em paralelo  
Com Barrabás, homem vil?

*R.* — O Pereira, este que intenta  
A ruina do Brasil.

(\*) Pedreiro - livre, maçon.





P.— Quem vos condemnou á morte  
Quem seria esse tyranno?

R.— Filho meu, o coronel  
Da Legião, Lusitano.

P.— Quem vos poz no Santo Lenho  
Nesse madeiro da Cruz?

R.— Foi o Paula e elle é  
Quem a rastos me conduz.

P.— E quem vos cruxificou  
Quem abriu o vosso Lado?

R.— Isto me fez o Madeira  
Por ver-me sacrificado.

P.— Quem vos deu fel e vinagre  
Quem foi esse deshumano?

R.— Foi esse mesmo Madeira  
Pois bem vês que é Lusitano.

P.— Quaes forão que no Sepulcro  
Ficaram de sentinella?

R.— Foi toda a Cavallaria  
Que fazem conceito nella.

P.— Quando vós ressuscitastes  
Quem vos deu graças primeiro?

R.— Foi o Povo mais fiel  
Do Congresso Brasileiro.

P.— Para quem está guardada  
A vossa gloria, meu Deus?

R.— Para os queridos Bahianos  
Pois lá não vão Europeus.

P.— Aonde existem as graças  
Da Santa Virgem Maria?

R.— Todas estão reunidas  
Na cidade da Bahia.

Mas nem o proprio clero, apezar dos sentimentos religiosos do povo, escapava aos ataques de poetas anonymos.

O seguinte soneto dirigido a um padre é claro exemplo disto:

Fofo paparrotão, calvo e vermelho  
Com cara d'Irlandez, ebrio sacrista  
Palrador trapalhão, porco sophista  
Que em tudo quer metter o seu bedelho...

Tomando por exemplo e pes e pelho  
Da excusa Ignez o conego chronista  
Quer d'experto campar e de chupista,  
Imitar sabe em tudo o amigo velho

Impõe de ser bom grego, e bom Latino  
E que a cabeça tem de letras cheia  
Mas é só para o mal que mostra tino.

Da intriga o fogo em toda parte atêa  
Do que seu Mestre é só mais pequenino  
Padre Pedro Bandeira de Gouveia.

Victima dos satyristas anonymos foi o grande Jequitinhonha, durante toda a sua vida:

O valor de sua palavra, caustica e vibrante provocava a reacção que se fazia, anonyma, ou em avulsos espalhados largamente por entre o publico, ou nos jornaes politicos que proliferavam então como nunca. Do tempo da Regencia são os seguintes;

Qual vibra Jove os raios de Vulcano  
Castigando os mortaes do Ethereo Assento  
Nocturno figurão cheio de vento  
Decretos solta com furor immenso.

Muito grande, potente e soberano  
Na Bahia nasceu por um portento  
Neto de Salomão, seu nascimento  
Vem deste e de um monarcha mexicano. (\*)

Da rainha Sabá por linha recta  
Entre os Minas Nagôs a mãe nascendo  
Veio á Bahia ter dos Reis a neta.

E ali co'um Indio relações mantendo  
Teve estes rival do Rei de Creta  
Ao grande Frederico hoje excedendo.

Mas não somente pelo soneto era a aggressão ao eminente politico bahiano.

Esta outra versalhada em que Jequitinhonha e os Andradas são cruelmente satyrisados, pertence mais ou menos á mesma época:

Que ha de ser de hu Montezuma  
Publicola farellorio  
Se nem mesmo o Consistorio (\*)  
Lhe valeo nesta eleição  
Já ninguem compra o Catão  
O chumbismo já não pinga  
Gramma agora esta seringa  
Perdendo a deputação

Vejão como poz-se em braza?  
Fóra tolo! Não fez vasa!

*Mamaverunt!*

(\*) Francisco Gê de Acayaba e Montezuma fôra o nome porque elle trocara o seu de Francisco Gomes Brandão, portuguez de mais por occasião da independencia.

(\*) Allusão á Maçonaria de que Montezuma era Grande Comendador.





Irá de novo a Cabinda  
Arvorado em matasana;  
O Brasil já não engana  
Ninguém o pode aturar  
Irra! Com tal palavrório!...  
Mas seccou-se a chuchadeira  
Olhem não he brincadeira  
Seis por anno não filar!  
Oh! Que logração famosa!  
Choro o lamba, quer babosa?  
*Mamaverunt.*

Eis o cynico letrado  
Matador dos liberaes  
Posto a hum canto e com signaes  
De quem se quer enforcar  
Badaró lhe tira o somno  
Morde-se vesgo, exaspera  
Rasga a careta... Que fera!  
Ninguém o pode amansar.  
Vejão como poz-se em braza!  
Fora tolo! Não fez vasa!  
*Mamaverunt.*

O ramelloso Pantoja  
De luneta a luta observa  
Em que a chumbeira caterva  
Não pode, ouzada, primar;  
A's columnas recostado  
Disfarça os seus dissabores,  
Não deixa os restauradores  
Mas diz que lhe hão de pagar  
Oh que logração famosa!  
Choro o lamba quer babosa!  
*Mamaverunt.*

Evaristo arranca berros  
Dá pinchos, couces e murros  
Chama aos do segredo burros  
Nem mais os quer avistar  
Vai abrir de novo escola  
Armado de palmatoria  
E não lhe sãe da memoria  
O logro que o fez chiar.  
Vejão como poz-se em braza  
Fora tolo! Não fez vaza!  
*Mamaverunt.*

Hum tal Barreto de pedra  
Quiz ter parte na bezerra  
Ajudou a crua guerra  
Para Andradas levantar.  
Sahiu-lhe o anno bissexto  
Não medrou nesta eleição  
Mamado por ambição  
Não se póde restaurar  
Oh que logração famosa  
Choro o lamba, quer babosa!  
*Mamaverunt.*

Mas oh! caso nunca visto!  
Chorem Gregos e Troyanos!  
Fluminenses deshumanos  
Quem vos póde desculpar?  
Dous altissimos gigantes  
Por vos foram desprezados!  
Andradas estão mamados  
Não ficam sem se vingar  
Vejão como estão em braza!  
Fora tolos! Não tem vaza!  
*Mamaverunt.*

O Mano Antonio, (\*) de Santos  
Veio a 20 agarrar votos  
Mas os pingas seus devotos  
Não puderam triumphar.  
O mano Martim cuidava  
Reduzir tudo a farellos  
Respondendo a Vasconcellos  
Mas não fez mais que mamar.  
Oh que logração famosa!  
Choro o lamba, quer babosa!  
*Mamaverunt.*

Accumulam-se as desgraças  
Pobre da legislatura!  
O oreilhudo Cascadura  
Não pode agora primar  
Vejam bem que fado adverso  
Fez assim tantos mamados  
Quem ha de dar apoiados  
Faltando o tal Malabar?  
Vejão como poz-se em braza!  
Fora tolo! Não fez vaza!  
*Mamaverunt.*

Inda resta hum bom remedio  
Girão que faz Ministerios  
Juntará 20 Gauderios  
Para a eleição desmanchar.  
Menezes jurou vingar-se  
Laudente co'os seus se apinha  
Gabriel e Camarinha  
Porão tudo em bom andar.  
Oh que logração famosa!  
Choro o lamba, quer babosa!  
*Mamaverunt.*

Anda mão, enfia dedo  
Cala a bocca senão morres  
Porque o tal Almeida Torres  
A todos ha de soltar  
Eis tambem M.<sup>a</sup> Lopes  
No banco dos julgadores  
Parabens, restauradores  
Já podeis retrogradar.  
Vejão como estão em braza  
Fora tolos! Não tem vaza  
*Mamaverunt.*

(\*) Antonio Carlos Ribello de Andrada Machado e Silva.





Durante o primeiro imperio, Francisco Gomes da Silva, creado portuguez do Paço, soube tão bem insinuar-se no animo de Pedro 1º, que se tornou o seu principal valido. O imperador deu-lhe carta de Conselho, encheu-o de honras e favores. O publico alcunhou-o de—*Chalaça*—e abominava-o. Os seguintes versos mostram bem quanto era odiado a caricatural figura cuja ignorancia não o impediu de figurar em nosso corpo diplomatico, quando razões politicas coagiram Pedro 1º a afastal-o do Paço:

Quem vem com tanta excellencia  
A seis num coche tirado?  
A quem d'um e d'outro lado  
O Povo com reverencia  
Tira o chapéo apressado?

A tão soberba equipagem  
Abre-se um grande terreiro  
Em roda, o ar pregoeiro  
De qual seja a personagem  
Resoa sóeiro... eiro...

Conselheiro! e não qualquer  
Deve de ser o Chalaça,  
Homem de Corte e de praça  
De valor e alto saber  
De mimo, primor e graça.

Com que insignias vem armado!  
Como traz alto o topete!  
E logo em seu ar promette  
Ser em Negocios d'Estado  
Grande Homem de Gabinete.

Grande Homem! Só ante a vil  
Caterva desses pragueiros  
De tuas honras sedentos  
Não valerão hum ceítil  
Teus innegaveis talentos.

Se alguém ha, que não te estime  
E teus officios reprehende  
Por excusos, não comprehende  
Que tanto és tu mais sublime  
Quanto elle menos te entende.

Cumpres do Cargo o segredo  
Se as frases tanto ennovellas  
Que ninguem possa entendel-as,  
Se o teu politico medo  
Nos põe ás apalpadellas.

De teus officios no estilo  
Eis porque, matreiro velho,  
Dás tão coberto o conselho  
Que, quem quizer descobril-o  
Ha de ter dente de coelho.

Tens mesmo por vituperio  
Que elles sejam entendidos  
Queres por isso que, lidos  
Guardem occulto o mysterio  
Mesmo a quem são dirigidos.

Vejam lá se mais que a lua  
Não he perspicua a dicção  
Dessa Obra da tua mão  
Da grande Obra que he mui tua  
Da Lusa Constituição!

Falaste, como cumpria  
Hes claro quando convem  
E se não te entende alguém  
Quanto cumpre, todavia  
Dás gosto, falas mui bem.

Por exemplo: quem não acha  
(Se nas palavras attenta)  
Que Regente só assenta  
Em tua pessoa macha  
E na femea, só Regenta?

Se a cargo teu não'stivesse  
Reger as Secretarias,  
Que homem nellas acharias  
Que assim corrigir soubesse  
As antigas grosserias?

Mas é na verdade incrivel  
Que huns poucos de maganões  
Das tuas occupaões  
Concluam não ser possivel  
Que faças Constituições.

Dizem que hes um mal criado  
Que já teve seu proveito  
Em ser á vassoura affeito  
E em quem só se tem notado  
D'Ourives e bobo o geito.

E a teu respeito se diz  
Que a virtude ás plantas tem  
De cheirarem mal ou bem  
Quem sabe se pelo nariz  
Tamanha esphera lhe vem

Se d'estrumes o vapor,  
Do Estabulo Imperial,  
Foi esse manancial  
Donde lhe veio o primor  
D'hum genio tão sem igual;

Donde te veio? do Céu!  
Querem com alma vulgar  
A de hum heroe comparar,  
Quem com azas ja nasceo  
Com azas ha de voar.





A cabeça em vão sacodem  
A tão façanhoso salto  
Porque de letras hes falto  
E animaes falar não podem  
E menos pensar tão alto

Não podem? Já houve hum dia  
Que a burra de Balaão  
Teve siso e locução;  
E só contigo seria  
Mesquinha de Deus a mão?

Eu desejava saber  
Desses vadios audazes  
Quantos serão os capazes  
De tantas cousas fazer  
A hum tempo como tu fazes?

Tu de teu amo em recados,  
Regendo Secretarias,  
Tu regendo estrebarias,  
Tu com Nações em tratados,  
Tu nas alcoviterias!!!

Tu já cortezão no Paço,  
Já na forja trabalhando,  
Tu ordem aos lusos dando,  
Correio d'amor palhaço,  
Tu já tropas commandando!

Então como?! Em disciplina  
Com preceito e tal valor  
Que em qualquer acção que fôr  
Facilmente se imagina  
Que sahirás vencedor.

Essa grave catadura  
Esse aspecto marcial  
Dão logo claro signal  
Da tua heroica bravura  
E saber de general.

E tanto que se na frente  
Da Guarda d'Honra estiveres  
Inda que nada fizeres  
Bate palma toda a gente  
De S. Jorge ao digno Alferes.

Se pois em genio ordinario  
Não cabe tanto saber  
Com que pé se ha de dizer  
Que obra alheia, plagiarío  
Impostor, foste escrever?

Que muito se em teus costumes  
Affirmam, cravando o dente  
Que te fizeste insolente  
E mesmo tratar presumes  
De resto á mais grada gente?

Que sendo hum homem casado  
E's perigoso ás donzellas  
E tens viveiro de bellas  
Como se em tel-as achado  
Esteja ter parte nellas?

Andar de moças á pilha  
E' ser escravo d'amor?  
Tu és delle vencedor  
Não da tua barriguilha  
Mas da alheia provedor.

Quem para outrem mulhieres  
E não para si procura  
Não succumbe á formosura  
E a seus sensuaes prazeres  
Caridade só tem, pura.

Que faças n'hum beija – mão  
Com garbosa symetria  
A hums larga cortezia  
A outros fria attenção  
Pede-o a tua fidalguia.

Se deante da Magestade  
Maltrataste figurões  
Della em outras occasiões  
Recebes com humildade  
Ponta pés e pescoções.

Notão-te aquelle transporte  
Tão proprio d'hua excellencia  
Não reparão na paciencia  
Com que ás leis d'andante forte  
Cumpres nesta penitencia!

Que encargo sempre este foi  
Dos heroes como tu hes  
Por Lei antiga; bem vês  
O que esse Manchego heroe  
Na Serra Morena fez.

Agora a Serra Morena  
Fez lembrar com que frescura  
Té negão-te a formosura  
E, figura tão amena  
Dizem que he triste figura!

Os insensatos não vêm  
Que o Céu, por dom singular  
Te deo poderes brilhar  
Naquillo com que ninguem  
Em regra póde agradar.

Embora meu caro Chico  
Tisnarão-te a face moira,  
Para não poder ser loira,  
Os fenos do maçarico  
E as poeiras da vassoira.





E com tudo não les bello  
Essa tez fuliginosa  
Tem tal graça, he tão formosa  
Que mais não pudera sel-o  
Se fosse de cor de rosa.

Eu não sei porque segredo  
Teu negro cabelo assenta  
Bem na face ferrugenta  
Em outro faria medo  
O que em ti graça accrescenta.

Ou quando nas assembléas  
Todo les mimo, todo amor  
Ou quando, com esplendor  
Em gordo rabão passeias  
Mais grave que o Grão Mogor.

Diga o Baile, onde tiveste  
A tarefa de mestraço  
Pois de regras não excasso  
Pares, Musicos trouxeste  
Ralhando, num furta — passo.

Entre alvissimas donzellas  
Quando em continuo moto  
Logravão primeiro voto  
Tuas cores amarellas  
Teus saltos de gafanhoto.

Oh! Que genio! Oh! Que portento  
Quem assombro viu igual!  
Sem estudos magistral  
Por si mesmo o teu talento  
Homem fez-te universal.

E póde causar surpresa  
Que gozes d'hua Excellencia  
Desse tom, dessa influencia  
A que a mesma Alta Nobreza  
Não póde oppor resistencia?

Metternich (o nosso amigo .  
Com razão ser teu deseja;  
Nem lhe importa que se veja  
Quanto conta já contigo  
A sua alma bemfazeja.

Fez de ti alto conceito;  
D'outras honras por esboço  
Poz-te muito a gosto nosso  
Cr'oa de ferro no peito  
Que a outros orna o pescoço.

Esse teu collega ingente  
Em seus calculos profundos  
Fia dos teus mais fecundos  
Que de hum mundo não contente  
Reunir vaes os dous mundos.

Oh Cavalleiro sem par,  
Teu saber e valentia  
A andante Cavallaria  
Vae no mundo renovar,  
Que delle foi luz hum dia.

Mas ouve-me: a tua historia  
Ha de achar mais prompta orelha  
Mais erguida sobranceia  
Se guardares na memoria  
O que hum velho te aconselha.

Não tomes os teus braços  
Por feitos da penna ou'spada  
Que a tantos dão nomeada  
Toma-os só dessas accões  
Que aos outros grangeão nada.

No que estima geral tem  
Ser grande é vulgar empreza  
Mas ganhas alta nobreza  
Com o que estima ninguem  
E esta é que he a mor grandeza.

E' de ti e não d'estranho  
Valias tirar fecundo  
Um merito novo ao mundo  
Mas maior é das empresas  
Ser primeiro sem segundo.

Pinta pois no teu escudo  
Teu caducêo d'aurea côr  
Vassoira e forja; ao redor  
Se leia esta letra em tudo  
Dos Cavalleiros a Flor.

Será na idade vindoura,  
Com pasmo, teu nome ouvido  
Se for o teu appellido  
Cavalleiro da Vassoura  
Ou da Forja, ou de Cupido.

Que importa que varios modos  
A sanha da gente imbelle  
Te queira morder na pelle!  
Teu amo governa a todos  
E tu governas a elle.

Tens gente da tua escolha  
Rocha tens da tua igualha  
Tens do bom chumbo a canalha  
Penna e mão, no cinto a folha  
Quem te ha de acceitar batalha.

Viva e Vassoira e a Forja!  
Eia! leva a empreza ao cabo  
Embora te volte o rabo  
A fortuna e tua corja  
Emfim te teve o Diabo!



Por ocasião da primeira quebra do Banco do Brasil foram nomeados syndicos Manoel Joaquim de Oliveira Leão, Ignacio Ratton e Fulano de tal Lisboa que tinha a alcunha de *Piolho viajante*. E logo a Musa Anonyma, assim commentou a nomeação:

Decima

Lá vão no Banco opinar  
Piolhos, ratos, leões;  
Hão de talentos mostrar  
Mas no fim das discussões  
Morder, roer, devorar.  
Não ha destinos prefixos!  
Fui o foco da riqueza  
Porém sujeito a caprichos  
Depois de tanta grandeza  
Vim a ser pateo de bichos!

Quando chegou ao Rio de Janeiro o corpo de Santa Presciliana, que se venera ainda hoje na Igreja de Sant'Anna, appareceu a seguinte mofina rimada:

Num trapiche alfandegado  
Sem ordem, nem manifesto,  
Descarregou sem protesto  
Um contrabando sagrado;  
E' um corpo encaixotado  
Vindo da Corte romana  
Que se diz ser Presciliana  
Santa nova, nunca vista  
De quem é contrabandista  
O vigario de Sant'Anna.

Por ocasião de uma visita do imperador á cidade da Bahia, no theatro, o celebre repentista Moniz Barreto recitou uma poesia que terminava com os seguintes versos:

Oh! Quanto não obraria  
Um tal Rei do povo em pró  
Se elle governasse só  
Se outra fosse a Monarchia!  
Hoje já ninguem duvida  
Que os males de que opprimida  
Se vê a Brazilia grey  
Não vem do homem que eu louvo  
Vem dos Eleitos do Povo  
Dos delegados do Rei!

Appareceram logo em resposta os seguintes versos:

Oh! Chico dos meus peccados!  
Lavra o tento: estou rendido  
E vencido e convencido  
Eis-me um dos teus soldados,  
Puxando a farrusca em pró  
Do monarcha, do rei só.

Monarchia temperada  
E' meu caro, uma tolice,  
Asneiras da modernice  
Uma especie de anguzada.  
Eu sou tal qual minha Avó  
Que gostava do Rei só

.....  
.....  
Até parece indecente!  
Não achas rico Chiquinho?  
Obre o Rei do povo em pró  
E' justo mas só por só.

E' por isso meu Moniz  
Que esta Grey geme opprimida  
Hoje já ninguem duvida  
Como voc bem o diz.  
Ah! Se a Grey tivesse em pró  
A tosquial-a um Rei só!

Eis resurge a du Barry  
E com ella os seus capachos  
Oh! Que chover de despachos  
Sobre mim e sobre ti!  
Que não faria ella em pró  
Dos cantôres do Rei Só?

Mas mon cher de Barretó  
Se tu pelo só e o pró  
Tiveste um bom pão de ló  
Eu por tanta rima em ó  
Conto me faça o Rei só  
O Barão de Mocotó.

Esta fiz, estando só  
Eu, o poeta Bobó.

E' do tempo da Regencia ainda, o seguinte soneto politico:

Se ufano Pernambuco ha produzido  
Grandes em tudo o Borges e o Rezende  
Nitheroy tem Pilar, que tudo entende  
Como elles em tudo tão sabido.

Foi nessas tres cabeças infundido  
Do Santo Esp'rito o fogo que os accende  
Por isso a elles o Saber se rende  
Sendo por longo estudo adquirido.

São na coragem mais que os mesmos Fabios  
Excedem Mirabeau num só arrote  
Soltando idéas raras de seus labios;

Mas inda que ao Regente dêem no goto  
Jamais deixão de ser estes tres sabios  
Ruim Militar, ruim Padre e ruim Piloto.





Com o título *Enigmas* appareceram as duas decimas que se seguem, visivelmente dirigidas a primeira a Evaristo Ferreira da Veiga o redactor da *Aurora Fluminense* e a segunda ao conego Januario da Cunha Barbosa:

Salhe de um palacio doirado  
Pela azul celeste esphera,  
A deusa que o dia gera,  
Em lindo carro esmaltado:  
Mas este quadro emendado  
(Como tudo) cá tem sido  
Hum sapo em luto vestido  
Que de hum antro só traz noite  
Da Humanidade o açoite  
Tem da Deusa o appellido.

Deriva de hum deus bifronte  
O seu nome assás louvado,  
Creio tambem ser coroadado  
D'Eguas pai, d'Aurora Ethonte.  
E para que tudo conte  
Commendas tem no seu peito  
Mas inda não satisfeito  
Hum gyra-sol tambem quer,  
Divisa que deve ter  
Porque mostra seu conceito.

O soneto que segue é sem duvida producto de rivalidades de official do mesmo officio:

Aos altos feitos da diplomacia brasileira nos annos de 1851 e 1852.

Emquanto João Manoel a França aterra  
Com os golpes d'Estado que aconselha,  
Marques prepara o mel (misera abelha!  
Que -- Sergio vae chupar... na Inglaterra;

Emquanto os paios ameaçam guerra  
E já Lysia a Drummond olha d'esguella,  
N'Haya o Caetano historias apparella  
Em Washington Sodré anda na berra.

Santo Amaro em Turim, Bernardo em Roma  
E em Bruxellas Moraes, entram d'empate  
Com Ribeiro na Russia, e enquanto assoma

Na Hespanha combatendo o chocolate  
O Varnhagen com chá... a frente toma  
Duarte a America dando xequemate.

Ainda um outro, este dirigido ao Regente Diogo Antonio Feijó, o mais elevado representante daquelle clero liberal que pregava a independencia da igreja brasileira, trabalhando por separal-a da de Roma:

P'ra que retractações? Estas não valem  
Quando os protestos, as acções desmentem.  
Com o Papa mangar debalde intentem  
Submissos ao Fabriini em vão lhe falem.

Querem que os homens vejão e se caleem?  
Nossos vicios já grandes não augmentem.  
Os fieis da Igreja, não consentem  
Bispos que as bases da moral abalem.

Que quer isto dizer? Que desaforo  
A bailes, na Quaresma, ir hu prelado  
Entreter-se com jogo e com namoro!

Sacrilego Ministro tendo ao lado  
Que poz profanas mãos num Christo d'ouro  
Que a ser certo o que dizem, foi roubado!

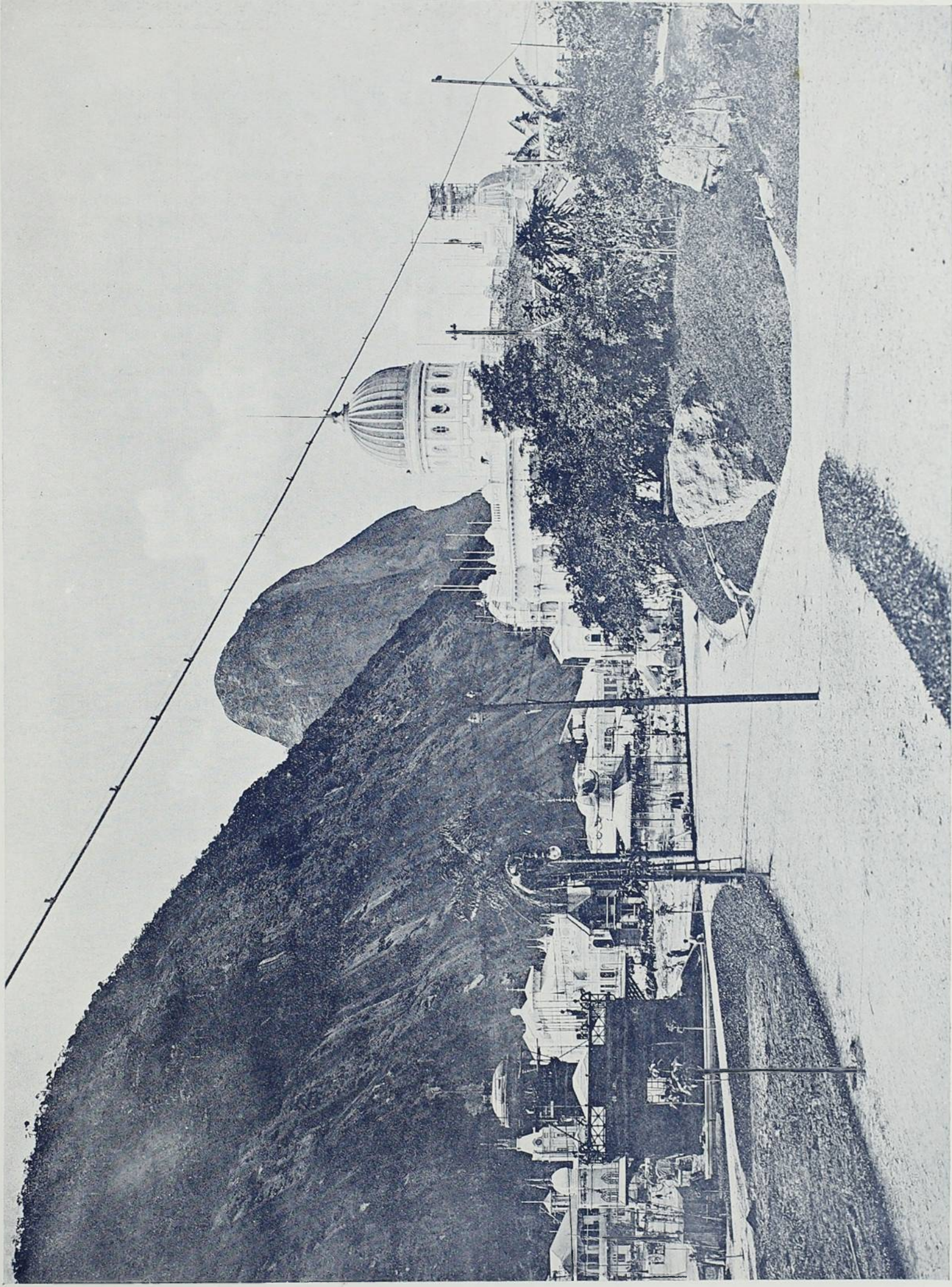
Junho, 1908.

MARIO BEHRING.





# Exposição Nacional



O PRIMEIRO TRECHO AJARDINADO







# Eugène Loudun

## E a theoria de Darwin

CASUALMENTE chegando-me ás mãos o numero de Abril da *Kósmos* e percorrendo-o, encontrei o artigo subscripto pelo Snr. Lima Campos e intitulado «A Terra e o Homem. Notas curiosas. Contradições da Sciencia». A primeira parte composta de citações logicamente nada probantes, nenhum interesse offerece.

A segunda, pelo contrario, mereceu-me toda a attenção pela «Summula da theoria de Darwin.»

Li e pasmei. Pasmei e revoltei-me, porque jamais suppuz que a infidelidade de interpretação fosse ao extremo de adulterar as idéas e os pensamentos do autor genial, cujo nome collocado a par do de Newton não soffreria a menor sombra e que mesmo, como alguém o lembrou, poderia ser cognominado -- o Newton da Biologia.

O Snr. Lima Campos diz haver extrahido do livro de Eugène Loudun, *As ignorancias da sciencia moderna* — os apanhados componentes do seu artigo. Neste supposto os nossos comentarios desafião os dous á contradicta: ao Snr. Lima Campos, porque, concedendo-lhe a verdadeira interpretação do livro de Loudun, a sua insciencia nos assumptos biologicos, o obrigaria a confiar de pessoa competente o acerto dos seus escriptos; a Eugène Loudun, porque escrevendo sobre as «Ignorancias» não preservou a sua da critica severa dos leitores que contas lhe pedem por expor tão dezassizadamente a respeitabilissima memoria de Darwin ás chufas dos pedantes, gerando crassa e miserrima theoria sua para illumina-la sob o nome do genial inglez.

Nem o Snr. Lima Campos, nem Eugène Loudun leu a Darwin, e se leu não o comprehendeu, ou ainda, poude conhecel-o através os seus detractores. Provarei a primeira hypothese no decorrer deste.

Diz o articulista: «Todos os seres, sem excepção, as plantas como os animaes, sahiram, originariamente de um ser *unico*, o mais simples possivel, cellula, atomo vivente, producção da escuma das primeiras idades».

Em tão poucas linhas commette s. s. uma quantidade tão monstruosa de erros, que difficil é o escolher por onde comecemos a analysar.

Em «*L'origine des espèces*» por Carlos Darwin, trad. franc. de Ed. Barbier, editada por Schleicher Frères — 1896 —, livro do qual nos

servimos para a presente refutação, não encontramos uma palavra em justificação do articulista.

Darwin sustentou que todas as variedades de uma mesma especie provierão de um genero unico, conforme se deduz de diversos topicos da citada obra. Assim lemos á pag. 356: «Toutes les espèces vivantes, d'après la theorie de la selection naturelle, se rattachent à la souche mère de chaque genre, par des differences qui ne sont pas plus considerables que celles que nous constatons actuellement entre les variétés naturelles et domestiques d'une même espèce; chacune de ces souches mères — mêmes, maintenant généralement éteintes, se rattachait de la même manière à d'autres espèces plus anciennes; et, ainsi de suite, en remontant et en convergeant toujours vers le commun ancêtre de chaque grande classe». A' pag. 5 da introdução destacamos: «Je suis pleinement convaincu que les espèces ne ce sont pas immuables; je suis convaincu que les espèces qui appartiennent à ce que nous appelons *le même genre* descendent directement de quelque autre espèce ordinairement éteinte, de même que les variétés reconnues d'une espèce quelle qu'elle soit descendent directement de cette espèce». A' pag. 383 encontramos: «Tous les arguments que m'ont convaincu que toutes les espèces d'un même groupe descendent d'un ancêtre commun, s'appliquent également aux espèces les plus anciennes que nous connaissons». A' pag. 545 achamos: «Tous les individus d'une même espèce et tous les espèces d'un même genre, même chez les groupes supérieurs, descendent des parents communs; en consequence, quelque distants et quelque isolés que soient actuellement les points du globe où on les rencontre, il faut que, dans le cours des generations successives, ces formes parties d'un seul point aient rayonné vers tous les autres».

Das transcripções acima se deduz que poderíamos considerar a descendencia representada schematicamente por uma arvore genealogica, em que as especies estivessem ligadas aos generos, estes ás sub-familias, estas as familias, etc., até chegarmos á especie mãe, ao ponto commun. Outro não é o pensamento de Darwin quando junta um diagramma á sua obra e o explica da pag. 125 até 132, e, mais adeante, da pag. 406 a 408. Disto a concluir que Darwin attribuiu a uma especie *unica* a origem dos seres vae tão grande differença que só detractores inveterados o poderião conceber.

Mas a revolta de animo se manifesta em toda a sua intensidade, quando o articulista pretende impingir Darwin como adepto da geração espontanea (generatio æquivoca).





São as proprias palavras do genial inglez que o vão desmentir.

Darwin, da mesma forma que Lamarck, foi crente e attribuiu a Deus a criação da forma primaria ou das formas elementares da vida.

Eis como Darwin se manifesta sobre a geração espontanea a pags. 134 e 135: «Lamarck, qui croyait a une tendance innée et fatale de tous les êtres organisés vers la perfection, semble avoir si bien pressenti cette difficulté, qu'il a été conduit à supposer que des formes simples et nouvelles sont constamment produites par la génération spontanée. La science n'a pas encore prouvé le bien fondé de cette doctrine, quoi qu'elle puisse, d'ailleurs, nous révéler dans l'avenir.» E mais adiante á pag. 574 diz: «A mon avis, il me semble que ce que nous savons des lois imposées à la matière par le Créateur s'accorde mieux avec l'hypothese que la production et l'extinction des habitants passés et présents du globe sont le resultat de causes secondaires, telles que celles qui déterminent la naissance et la mort de l'individu. Lorsque je considère tous les êtres, non plus comme des créations spéciales, mais comme les descendants en ligne droite de quelques êtres qui ont vécu longtemps avant que les premières couches du système cambrien aient été déposées, ils me paraissent anoblis.» Onde, porém, Darwin se revela cathegoricamente, é no penultimo trecho da sua obra, a pag. 576: «N'y a-t'il pas une véritable grandeur dans cette manière d'envisager la vie, avec ses puissances diverses attribuées primitivement par le Créateur à un petit nombre de formes, ou meme à une seule?»

Onde, pois, encontra o articulista uma palavra de Darwin que confirme as suas primeiras linhas?

A leitura attenta das obras do immortal biologista nos illumina claramente a respeito da origem primaria dos seres. Não acreditando na geração espontanea, talvez á falta de dados scientificos, Darwin jamais se pronunciou francamente sobre a formação da vida no seio das aguas, preferindo attribuir ao Creador a geração primitiva. As conclusões logicas forão tiradas neste sentido, mas elle nunca as pronunciou, e todavia apresenta como possivel a descendencia de todas as especies de «pequenos numeros de formas ou mesmo de uma unica.» Duas são, pois, as hypotheses aventadas por Darwin sobre a origem dos seres, e não uma unica.

«Esse globulo (que se chama *progenitor*, *prototypo*, *protoplasma*, *monera*), pouco a pouco se desenvolveo, pelo effeito de certas circunstancias», é o trecho seguinte do articulista. O Sr. Lima Campos, dando como unica circumstancia do desenvolvimento do «globulo,

a qualidade do terreno acrescenta:» Aqui o terreno em que se achava era secco, ali humido, alem plano, mais alem escarpado e, então, aqui elle se revestio de patas, ali de azas, alem de nadadeiras; aqui se fixou á terra, alli a deixou e se elevou aos ares, etc., se bem que, a um dado momento, não houvesse sómente globulos, unicos seres viventes, mas, tambem plantas de todas as formas, animaes de todas as especies, insectos, reptis, aves, peixes, a vegetação rasteira e o carvalho, o leão e a serpente, a baleia e o beija-flor, tudo o que existe e que nós vemos agitar, correr, gritar, arrastar-se, voar ou nadar.

Todos os nomes com que o articulista quiz baptisar a primeira manifestação da vida, são inexactos, se exceptuarmos — *monera*. Tambem jámais houve biologista que affirmasse ser o primeiro albuminoide vitalisado uma «produção da escuma das primeiras idades» e muito menos Dar in. Em primeiro lugar as edades não têm escumas, e, em segundo, o movimento das aguas, que produz escuma, é improprio para manifestação da vida, que se formou no fundo dos mares, provavelmente. As questões attinentes á archigonia de Hæchel são de muito alta relevancia para se prenderem á «escuma», pertencem á bio-chimica e á bio-physics, que as resolverão n'um futuro mais ou menos proximo, se é que Leduc ainda não as resolveo.

Seria muito longo criticar um por um os nomes de baptismo do organismo elementar; baste-nos dizer que os naturalistas o descrevem como uma massa albuminoide, amorpha, sem estrutura, tendo criado para elle o nome de — cytodo, reservando o de cellula ao sarcoda nucleado. Por esta simples explicação, que, se preciso fôr, desenvolverei amplamente, caem, por ineptos ou inadequados os nomes de baptismo dados pelo articulista ás moneras.

Dentre os diversos agentes do meio ambiente, capazes de provocar a variedade de caracteres, o Snr. Lima Campos contradizendo-se nos periodos immediatos julgou que Darwin somente encontrasse para explicar a formação de patas, azas, etc., a qualidade do terreno.

Seria ridiculo para o immortal creador da theoria do mais apto se os enormes cabedaes reunidos durante longos annos de estudo, fornecessem como unica causa da variação das especies a diversidade do solo.

O articulista confunde deploravelmente a theoria da selecção com a doutrina da descendencia exposta pelo grande Lamarck.

Lamarck, o portentoso philosopho e naturalista, que, com raro descortino, apontou ás gerações futuras o trilho a seguir nas pesquisas biologicas, Lamarck sim, apontou como causas capazes de provocar variações, agentes externos mas o glorioso francez jámais teve o pensa-



mento de ligar ás variações unicamente a causas accidentaes do terreno.

Ainda Lamarck, logico em suas deducções, tinha necessidade da geração espontanea e contínua, que mais tarde Darwin lhe censurou, para atingir a meta. A Darwin, porem, attribuir o pensamento de necessitar constantemente da archigonia, a despeito da existencia concomitante de animaes, arvores, insectos, etc., é mostrar crasso desconhecimento do que se pretendeu expor.

Para confirmar-me nas minhas asserções transcrevo trechos da obra citada. Lê-se á pagina 136: «On s'est demandé comment, lors de la première apparition de la vie, alors que tous les êtres organisés, pou vous — nous croire, présentaient la conformation la plus simple, les premiers degrés du progrès ou de la différenciation des parties ont pu se produire. M. Herbert Spencer répondrait probablement que, des q'un organisme unicellulaire simple est devenu, par la croissance ou par la division, un composé de plusieurs cellules, ou qu'il s'est fixé à quelques surfaces d'appui, la loi qu'il a établie est entrée en action, et il exprime ainsi cette loi: «Les unités homologues de toute force se différencient à mesure que leurs rapports avec les forces incidents sont différents.» Mais, comme nous ne connaissons aucun fait qui puisse nous servir de point de comparaison, toute speculation sur ce sujet serait presque inutile.»

Vê-se o cuidado com que Darwin tratava tal assumpto; vê-se como evitava se explicar sobre a formação dos primeiros órgãos, quando não pode apresentar factos probantes. Sobre a sinceridade do sabio, o articulista architecta aleivosias, affirmando publicamente que o sabio disse haverem do «globulo» nascido patas, azas, etc. Seria deprimente para Darwin, seria chamar sobre si o eterno ridiculo, seria expor-se ás chufas dos naturalistas e nunca merecer as considerações mundiaes e as objecções de um Mirvart, se tivesse a infeliz idéa e apresentar ao mundo scientifico um «globulo» com «nada-deiras», por exemplo. Quem acreditaria? Quem se abalaria a responder a semelhante estulticie? O autor inglez condemna semelhante idéa, que só pode ser gerada no mytho religioso.

Está escripto á pag. 274: «Quiconque croit qu'une ancienne a été subitement transformée par une force ou une tendance interne en une autre forme et pourvue d'ailes, par exemple, est presque forcé d'admettre, contrairement à toute analogie, que beaucoup d'individus ont du varier simultanément. Or on ne peut nier que des modifications aussi subites et aussi considerables ne different complètement de celles que la plupart des espèces paraissent avoir subi. On serait, en outre, forcé de croire, à la production

subite de nombrenses conformations admirablement adaptées, aux autres parties du corps de l'individu et aux conditions ambiantes, sans pouvoir présenter l'ombre d'une explication relativement à ces coadaptations si compliquées et si merveilleuses. On serait, enfin, obligé d'admettre que ces grandes et brusques transformations n'ont laissé sur l'embryon aucune trace de leur action. Or, admettre tout cela, c'est, solou moi, quitter le domaine de la science pour entrer dans celui des miracles.»

Da leitura da «Origem das especies», se conclue que a monera se transformou em nova especie, esta em outra e assim successivamente. Após milhares de variedades, surgiu uma especie tendo, um grupo de células de que se originou por exemplo uma aza rudimentar, que se desenvolveu até tomar o comprimento adquado á especie em milhares de gerações, graças aos factores: herança, adaptação, luta pela vida, selecção natural, uso, etc.

Si erro interpretando por esta forma o pensamento de Darwin, que se pronunciem os doutos.

Ainda pretende o articulista que Darwin escreveu na sua theoria que «globulos viventes», isto é, productos de geração espontanea, forão contemporaneos de leões, beija-flores, carvalhos, serpentes, etc. Ora o que affirmou foi que o Creador gerou algumas formas elementares, ou mesmo uma forma e que dellas provieram todas as especies.

Onde, pois, foi o articulista buscar a sex-quipedal asserção de que Darwin adoptou a *generatio æquivoca* continuamente, a ponto de ainda subsistir nos tempos dos dromedarios, das pantheras e dos tigres?

Creadas as primeiras formas, Darwin, que combateu Agassiz e as creações successivas de Cuvier, que pugnou contra Lamarck e o evolucionismo, jamais pensou na criação de novas formas coevas de mastodontes, de baleias, ou mesmo de algas. Esta conclusão se tira da sua obra.

Demais quem medita sobre o livro, em que se acha traçada a theoria da selecção natural, sabe que todas as especies não coexistirão: a cada periodo geologico corresponde uma fauna e uma flora, pela adjuncção de especies novas descendentes das antigas, que se extinguiram, ou que se conservaram.

Darwin, grande admirador do seu extraordinario compatriota Carlos Lyell, estudando as especies extinctas nas diversas camadas geologicas, tão avaras desses elos intermediarios de que tanto precisamos para firmar nos factos as inducções dos naturalistas, escreveu empolgantes capitulos, em que se achão trechos, como este á pag. 389: «Les espèces nouvelles out apparu tres lentement, l'une apres l'autre, tant sur la terre que dans les eaux.»



Não se encontra, pois, na obra do sabio inglez, a justificativa da apparição abracadabrante de especies, que o articulista apresenta na sua «Summula da theoria de Darwin.»

«Para que esses seres tão diversos, sahidos de uma cellula uniforme, pudessem viver e se perpetuar, era preciso que cada um conservasse os órgãos que tinha adquerido e os transmitisse a seos descendentes. Darwin imaginou, então, uma *força*. Essa força é dotada entre outras qualidades, de uma *intelligencia* verdadeiramente extraordinaria; ella dispõe os órgãos e os classifica, distingue e escolhe aquelles que são os mais proprios para a vida; e, melhor ainda, os modifica, os corrige, os augmenta, os adapta a determinadas funcções e, enfim, os põe em condições de nada haver a receiar e de resistir a todos os obstaculos que encontrem no curso de suas existencias. Os outros órgãos, que ella considera debeis, os deixa de lado ou, antes os atrophia, e, porfim, os elimina. Em uma palavra: ella se desembaraça dos fracos e auxilia os fortes a se desenvolverem. E' o que se chama a *lei de selecção*, do vocabulo latino *eligere*: escolher.»

A presumpção de saber é a ulcera corrosiva da intelligencia. Quando perante a doutrina do sabio se apresenta a fatuidade do dillettante para interpretal-a, é ver como os dislates se succedem n'um diapasão impossivel de bem coordenar.

Loudun ou o articulista por elle, alem de uma inqualificavel «cellula uniforme», que não se justifica perante os naturalistas, que considerão sem forma e sem estrutura o grumo primario vital, tenta impingir como conservadora, dos órgãos, perpetuadora da especie e transmissora dos caracteres uma *força intelligente*, por elle denominada *selecção*. A despeito de outros effeitos assignalados por Loudun, semelhante theoria é deste autor.

Que naturalista bastante ignorante não seria aquelle que attribuisse á *selecção* o papel representado pela herança?

A herança, sómente a herança conserva e transmite caracteres. A selecção intervem quando uma variação, por menor que seja, torna o individuo mais apto na luta pela existencia. Assim escreve Darwin á pag. 4: «Comme il nait beaucoup plus d'individus de chaque espèce qu'il n'en peut survivre; comme, en consequence, la lutte pour l'existence se renouvelle à chaque instant, il s'ensuit que tout être qui varie quelque peu que ce soit de façon qui lui est profitable, a une plus grande chance de survivre; cet être est ainsi l'objet d'une *sélection naturelle*. En vertu du principe si puissant de l'hérédité, toute variété object de la selection tendra à propager sa nouvelle forme modifiée.» E mais adiante, á pag. 103: «La

selection naturelle n'agit que par la conservation et l'accumulation de petites modifications héréditaires, dont chacune est profitable à l'individu conservé.»

Darwin não imaginou uma *força intelligente*. Sua theoria é tão simples na sua verdade que unicamente espanta que alguem não a tenha exposto muito antes d'elle. E' uma consequencia da doutrina malthusiana e da observação methodica da acção exercida sobre os individuos pelos criadores ou cultivadores afim de obterem uma variedade mais forte e mais bella.

Diz elle á pag. 31: «La grande valeur de ce principe de selection n'est pas hypothétique. Il est certain que plusieurs de nos éleveurs les plus éminents ont, pendant le cours d'une seule vie d'homme, considérablement modifié leurs bestiaux et leurs moutons.»

Não satisfeito de adulterar, como vamos mostrando, em todos os pontos a doutrina de Darwin, ainda o articulista lhe assaca a injuria de suppor a selecção natural uma «força» com «intelligencia.» Loudun levou a petulancia até o extremo. Em contradição com Darwin se manifesta, expondo a doutrina deste. A intelligencia implica consciencia; todo o acto intelligente é, *ipso facto*, um acto consciente. O eminente biologista disse á pag. 34: «Mais il est une autre sorte de selection beaucoup plus importante au point de vue qui vous occupe, selection qu'on pourrait appeler *inconsciente*.» E mais adiante á pag. 86: «D'autres ont prétendu que le terme *selection* implique un choix conscient de la part des animaux qui se modifient, et on a même argué que, les plantes n'ayant aucune volonté, la selection naturelle ne leur est pas applicable.»

Tal objecção repousa sobre a significação de uma palavra, interpretada até aqui n'um sentido e por Darwin apresentada com significação diversa.

Ninguém criticou a *affinidade electiva* dos chimicos, e se a questão é de palavra o genial inglez concorda na sua expressão erronea e subscrive a de Herbert Spencer — a persistencia do mais apto. Demais a selecção natural não é uma força, é um principio, uma lei, ou se quizerem ainda uma theoria. Se encontramos na traducção franceza o termo *puissance*, é preciso tomal-o no sentido que indicamos, porque á pag. 87, se lê: «On a dit que je parle de la selection naturelle comme d'une puissance active ou divine; mais qui donc critique un auteur lorsqu'il parle de l'attraction ou de la gravitation, comme régissant les mouvements des planetes?» Para o espirito crente de Darwin, admittir uma força intelligente era negar a existencia do Creador; para elle, então, a selecção natural, da mesma forma que a gravitação era um principio, de



que o Creador dotou a materia, principio, por-  
 rem, tão inconsciente, como o outro, pore-  
 m, nunca intelligente, é preciso frisar. Pelo que  
 expomos, não se pode suppor que a selecção  
 natural seja força intelligente, porquanto na gra-  
 vitação universal existe a lei e a força; ora o  
 que rege o movimento dos astros é a lei, por-  
 tanto o principio darwiniano é uma lei, re-  
 gendo os corpos organisados, dependente, como  
 a outra, de certas condições, como se lê neste  
 trecho da pag. 146: «On peut dire que dans  
 un certain sens non seulement les conditions  
 d'existence déterminent, directement ou indi-  
 rectement, les variations, mais qu'elles influen-  
 cent aussi la selection naturelle; les conditions  
 déterminent, en effet, la persistance de telles ou  
 telles variétés.»

Continuando, o articulista julga que a se-  
 lecção natural unicamente «dispõe os órgãos  
 e os classifica» etc. Ella não os dispõe, por-  
 quanto não provoca as variações em geral. No  
 ponto em que se produziu uma variação, si esta  
 é util, ella intervem, como se lê á pag. 182:  
 «La selection naturelle n'agit que par la con-  
 servation des modifications avantageuses»; ou  
 á pag. 133: «La selection naturelle agit exclu-  
 sivement au moyen de la conservation et de  
 l'accumulation des variations que sont utiles à  
 chaque individu dans les conditions organiques  
 et inorganiques où il peut se trouver placé à  
 toutes les periodes de la vie.» Quanto ao tal  
 «classifica» podemos-lhe garantir que a selecção  
 natural nunca se preocupou com isto, que per-  
 tence ao methodo scientifico.

Para resumir, já tendo nós occupado muito  
 espaço contra nossa vontade, accrescentamos  
 que o Snr. Lima Campos julga que sómente a  
 persistencia do mais apto foi a causa de tudo  
 quanto expõe. Isto nunca foi pensamento de

Darwin e para proval-o, leião-se os paragra-  
 phos sobre o uso e desuso, as condições de  
 vida, a selecção sexual, etc., e este topico da  
 pag. 565 o affirma positivamente: «Mais, puis  
 que mes conclusions ont été récemment forte-  
 ment dénaturées et puisque l'ou a affirmé que  
 j'attribue les modifications des espèces exclu-  
 sivement à la selection naturelle, on me per-  
 mettra, sans doute, de faire remarquer que,  
 dans la première edition de cet ouvrage, ainsi  
 que dans les editions subséquentes, j'ai repro-  
 duit dans une position tres évidente, c'est-à-  
 dire à la fin de l'introduction, la phrase sui-  
 vante: «Je suis convaincu que la selection natu-  
 relle a été l'agent principal, des modifications,  
 mais qu'elle n'a pas été exclusivement le seul.»  
 Cela a été en vain, tant est grande la puissance  
 d'une constante et fausse demonstration; toute-  
 fois, l'histoire de la science prouve heureuse-  
 ment qu'elle ne dure pas longtemps.»

Todavia, não podemos terminar sem dous  
 reparos:

1.º Tendo o latim «*selectio*», provavelmente  
 derivado de *seligere*, porque tomar *eligere* como  
 origem de selecção?

2.º Darwin se expoz que o homem descende  
 dos catarrhynios, tambem admittio a sua pro-  
 veniencia de um tronco commum com elles,  
 como se comprehende da leitura da «Descen-  
 dencia do homem.» São duas hypotheses e não  
 uma unica as conclusões de Darwin. E ainda  
 uma vez o Snr. Lima Campos e Loudun fal-  
 taram com a verdade.

Que se pronunciem os entendidos.

Junho de 1908.

DR. CESAR VELLOZO.





# O PRIMO BASILIO

*Notas sobre um facto*

FOL por horas de sésta d'um verão de 1879, que eu, imberbe rimador de amores, abri com mão tremula e o coração aos saltos, o desejado e precioso *Primo Basilio*.

Ainda me recordo bem. Habitava, por esse tempo, um casarão novo em frente d'uma feia igreja, no labyrintho da velha Sebastianopolis.

O meu quarto d'estudante era, na licenciada cathogoria dos aposentos habitaveis, d'este bello paiz, uma pequena alcova, aliás lindamente forrada d'um rico papel francez, todo branco, imitando seda lavrada, mas detestavelmente localizada á visinhança da sala de visitas.

A'quella hora, o bruto movimento das carroças de carga enchia o meu aposento d'um ininterrupto rumor, com trepidação das paredes, o que me dava, ás vezes, a illusão de estar n'um *wagon* de via-ferrea, aos trancos e giga-joga por estas desleixadas e pittorescas estradas do interior do Brasil...

A unica *mansão* que se podia ter no primeiro andar d'essa enorme casa era a salêta de jantar, alegre quadrado de altas paredes, tecto côr de leite fresco, fôrro amarello outomniço e dois grandes reposteiros d'um tom claro de óca, listrados de vermelho inglez.

Uma comprida janella envidraçada abria para o Azul e para um estreito pateo, murado como um carcere; o chão de ladrilho encarnado não tinha manchas, e sobre o zinco da caixa d'agua, ao fundo, resplandecia a louça de pesado vaso de Santo Antonio do Porto, d'onde emergia a haste enfiada d'uma roseira ordinaria.

Ali, n'aquella recolhida sala, havia um antigo e largo sophá de jacarandá e palhinha, gravemente sério e excellentemente commodo.

Talvez procedesse dos bens d'algun abastado burguezão do tempo do Sr. D. Pedro I, porque, até hoje, jámais vi traste de aspecto tão estúpido nem tão confortavel para a preguiça.

Foi n'um antigo sophá burguez, a essa hora de languor, n'um escaldante dia de sol e em annos de primeira mocidade, que travei relações com o encantador espirito de Eça de Queiroz, o romancista, pois eu já conhecia o critico na facetada ironia das *Farpas*.

Lembro-me, tambem, que pairava por lá, n'essa occasião, um silencio de claustro e a ordem das coisas, o aceio hollandez dos utensilios, — ao demais, um tic-tac monotono, de pendula americana, na parede do sophá — davam-me

a melhor das disposições para lêr o *escandaloso livro* que estava irritando, no dominio das lettras, a simplicidade roceira da Capital do Imperio.

Ora bem, deliciemo-nos! — murmurei. Abri o livro com mão tremula, refestelei-me a fio na fresca palhinha do venerando traste e... E, amigos, só me comprehendí senhor da minha vontade, só volvi á consciencia do meu Eu, no momento em que, posta a mesa para o repasto vespertino e accesos os bicos de gaz, o copeiro rompeu de campainha em punho, chamando-nos á sopa!

Por onde tinha andado eu? Não sei bem o que senti. Já se me diluía na memoria essa emoção extranha, para que eu a reproduza com nitidez. Sei, e com firmeza o digo, que me parecia recém-chegado d'uma viagem singular, só consentida ao meu espirito, pois, em quanto a fiz, meu corpo ficára inerte, adormecido e refestelado n'aquelle venerando *commendador* de jacarandá e palhinha, que alli estava, sob o tic-tac monotono da pendula, firmado nos quatro pés de sua realidade.

Por onde tinha andado eu?... Durante horas, durante muitas horas, estive n'uma sala de soalho esteirado, forrada de papel claro, de ramagens verdes. Fazia sol, mas as janellas cerradas deixavam entre as quatro paredes uma penumbra macia. Uma rapariga loura, em roupão de fazenda preta, bordada a *soutache*, estivera a pensar no tempo em que vivera em Cintra, sob os arvoredos escuros e murmurosos do Ramalhão, em companhia do primo Basilio...

De lá é que eu vinha. Trazia na visão essa rapariga loura, e aquelle rapaz de barba cerrada e negra, e os aposentos, os moveis daquella casa... Certo, eu lá estive! E um assombro se apoderou de mim, por me encontrar nessa pequena sala de jantar, em familia, sob os bicos de gaz, em frente d'um prato de cheiroso caldo fumegante... tão diversamente do lugar onde passára horas e horas esquecidas, e d'onde tinha vindo sem saber como!

E esta foi a primeira sensação que me deu esse livro. Nunca, até aquelle dia, nenhum romance me fizera viver tão intimamente ligado á sua acção. Nem mesmo o meu querido Balzac, que eu lia, ávida e constantemente, conseguira pôr-me em presença dos seus personagens e dentro dos seus scenarios. Eugenie Grandet, pae Geriot, Luciano, o primo Pons, eram evocações, que a minha imaginativa despertava; era eu que os modelava, que os completava. Com os personagens de Eça succedia-me o contrario — elles vinham ao meu encontro, surgiam-me pela frente, falavam e se moviam deante de mim!

Sem ainda conhecer Flaubert e Zola, apenas sabendo de Daudet por um livro mediocre, e,



sem duvida, mal traduzido; sem critica para avaliar dos meritos d'um escriptor, sem pratica e saber para lhe comprehender os recursos d'expressão e as subtilezas da fórma, com tudo isso, senti, pela vez primeira e d'um modo decisivo, — a emoção duma poderosa obra de arte escripta porque o que em mim ficou, com a vibração d'esse drama, foi a certeza de o ter visto, em realidade, com os meus proprios olhos.

No entanto — eu me confesso publicamente e nem se irá carregar de negra culpa o irreflectido, se bem que naturalissimo procedimento d'um rapazola, — procurei esse livro porque m'o pintaram como uma deliciosa leitura erotica!

O *Primo Basilio* forçou a preguiça mental do Rio de Janeiro precisamente por este columnioso, mas arguto annuncio de immoral.

Em torno delle fazia-se um zonzonar de risinhos significativos e sibillos de segredos, a que se correspondia com piscos d'olho, d'entendimento bregeiro. Pintava-se esta e aquella phrase, recommendava-se a pagina duzentos e tantos... Dizia-se que, no bojo desse livro, se hauria um perfume acre entontecedor de saias desprendidas, e faiscavam fechos de ligas e se via a nudez irresistivel de coxas em arregações de camisas... E eu o fui lendo, já esquecido dessas sublinhas de recommendação, todo envolvido no seu poder suggestivo, absorvido por elle. Quando o terminei, e quando pude me libertar da forte emoção que me abalára os nervos, perguntei a mim mesmo onde teriam ficado o desbragado escandalo e a descabellada immoralidade que lhe eram attribuidos?

Suspeitaria da minha ignorancia, neste particular, se me quizesse inculcar á cohorte dos rubicundos anginhos de painel, porque o que lera de mais claro, no tocante ao caso, só homens sabedores do culto de Venus poderiam comprehender.

Mas, de toda a parte, grunhia o vozeirão rouquenho da critica nacional: Isto é immoral! — E como immoral ia correndo o livro de mão em mão.

A critica nacional não deixava de ter motivos para se alarmar. Mas não necessitava desse capcioso recurso da obscenidade da obra. Não era a viva representação das scenas domesticas, em todos os seus intimos detalhes, o que a indignava; o motivo principal e verdadeiro dessa opposição estava no processo d'escrever de Eça, processo contrario ao cabeçudo conservatorismo de moldes aprendidos, e inacessivel á réles comprehensão da respeitavel critica.

Ao seu modo de vêr e de sentir esta maneira frisante de dizer, este novo interesse pelo colorido da phrase, pela expressão nitida do termo embora archaico, obsoleto, ou estrangeiro; esta construcção nervosa e vibrante d'uma original syntaxe, constituia um atten-

tado ás regras estabelecidas, ao dogma do classicismo... se, realmente, os escriptores que se tornaram classicos pensaram dogmatisar em tão vario, móbil e vasto assumpto!

O portuguez modelado e cinzelado pelo auctor do *Primo Basilio* em nada se parecia com a lingua litteraria, amollentada, babosa e gemebunda, lingua mestiça de cantigas suspirosas, de improvisos sentimentaes, ora rhetorica e pretenciosa, com regressões ao quinhentismo, ora delambida e idiota para uso da pieguice feminina, a que ella, a illustre critica, se habituára. Não obstante a incompetencia da critica, a pécha de immoralidade que lhe foi asacada, o livro influiu vantajosamente na nossa litteratura de romance!

Estavamos n'um tempo *vasio*. O pieguismo e a graçola da nossa litteratura sobrecarregavam-nos o tédio. Abria-se um romance e lá vinham as marabás apaixonadas, e os tupis pernósticos como o Luiz Fernandes da *Morgadinha de Val Flor*, e os sombrios aventureiros tramando infamias.

Lançava-se mão d'outro livro e por lá andavam as yáyás papos de anjo, os Albertos imbecis, o *seu* Furtado pae honesto, com a caixa de rapé Paulo Cordeiro no bolso do rodague, e uma embrulhada e sempre egual historia de heranças, de inimisades de familia, de amores mal correspondidos por uma Dona Amelia de bandós. Toda essa gente parecia almas do outro mundo, tal o vago, o esboçado em que se nos apresentava. E para completar o enfastimento dessas sombrinhas de papel transparente, os auctores nol-as davam n'uma linguagem preguiçosa, balbuciada ou melliflua e estopante.

Mas, de repente, uma geração nova, educada na Analyse, melhorada na sua mentalidade pelo scienticismo que reconstruía a França e a Italia, e affirmava o dominio espirital d'Allemanha, surdio da bancada das Academias, falando em Claude Bernard, Darwin, Hœckell, Littré, Spencer e Broca.

Nós todos, que começavamos a martyrisar o buço para lhe dar aspecto de bigodes, berravamos sarcasmos da *Morte de Dom João* ao Céu esburacado e á *Divindade* escarpellada.

Pobres blasphemos! Nos cafés deglutia-se *mãe-bentas* com philosophia de Augusto Comte e á noite, desprezando o Barbe, lia-se a *Força e Matéria* de Buchner para cargas de argumentos fulminantes. A *Reforma* alborisava. Agitavam-se questões de arte, com predilecções por escolas.

Nós, moços, queriamos o Experimentalismo, pugnávamos pelo Documento. As creações romanticas tinham-nos cansado. A graçola nacional archivada nas folhinhas do Laemmert, transformava-se n'uma ironia subtil de civilisados, objectivada pelo lapis de Bordallo Pinheiro e



Borgomagnêro. Atacava-se o nome de Alencar, com uma acrimonia desaforada; Macedo agonisava ouvindo a vaia assobiar-lhe á sombra. Mas, olhávamos em derredor, de bugalhos afflictos, a procurar os *ídolos* que satisfizessem ao nosso fétichismo. E não tínhamos ídolos! Lançávamos-nos, então, a confraternisar com uma geração portugueza que já tinha passado, que era apenas uma tradição.

Resurgiamos a lucta coimbrã e, irreverentemente, apedrejávamos á memoria de Castilho que nos parecia o pae espirital do caturrismo brasileiro.

Ao morrer Herculano, suavemente como um santo e dignificado pelo seu trabalho e pelo seu arraigado amor á obscuridade, as tendencias mundanas de Ramalho Ortigão fizeram-no feroz diante do justo que baixava á cova, puzeram na sua critica exprobações contra a fraqueza que o tinha reduzido a fabricante de azeite em Val de Lobos, contra o egoismo que o tinha retrahido á existencia pacifica e frugal d'aldeia. Isto bastou ao nosso ardor iconoclasta.

Herculano era um velho idolo, e logo em arremesso quixotesco, mettemos hombro ao seu pedestal de bronze, que resistirá aos seculos!...

O *Primo Basilio* chegou-nos nesse tempo. A' parte o rotulo escandaloso, que o divulgou rapidamente, como ainda não houve livro que alcançasse tão dilatado commercio, a sua influencia na litteratura brasileira foi sensivel.

Pouco depois do seu apparecimento, um narrador que se occultava no nome dum personagem de Edgard Poë, o Hop Frog, estreiou no rodapé da *Gazeta de Noticias* com uma série de contos á maneira naturalista. José do Patrocínio nos *Retirantes*, repudiava os moldes gastos em que vertera *Motta Coqueiro* para se approximar do processo descriptivo de Eça, e

mais tarde, em São Luiz do Maranhão, Aluizio Azevedo dava ao prélo *O Mulato*, em que, definitivamente, firmava a victoria da nova escola, com applausos de nós todos, leitores entusiastas, que delirávamos por um *idolo* e exigiamos, através do nosso desvairamento patriótico, do nosso irrisorio *chauvinismo* dos dezeseis annos, que houvesse no paiz um homem para se confrontar com o triumphante nome do escriptor portuguez.

Era isso uma necessidade, e tão séria, e tão palpitante, que, envergonhados da nossa miseria litteraria, desmereciamos, com um ingenuo ciúme e ridicula pretensão, a victoria do auctor do *Primo Basilio*, correndo ás livrarias, á clamar por Zola por se nos afigurar ter sido Zola o mestre do grande Eça!...

D'ahi vem a data da entrada do naturalismo no Brasil, em que, muitos annos depois, vencendo a reacção systematica das mumias lettradas e a preguiça mental do povo, foram trabalhados: o *Atheneu* de Raul Pompeia, a *Normalista* de Adolpho Caminha, o *Simas* de Papi Junio e *Um escandalo* de Arthur Lobo, livros bastantemente dignos para representarem a litteratura de uma época.

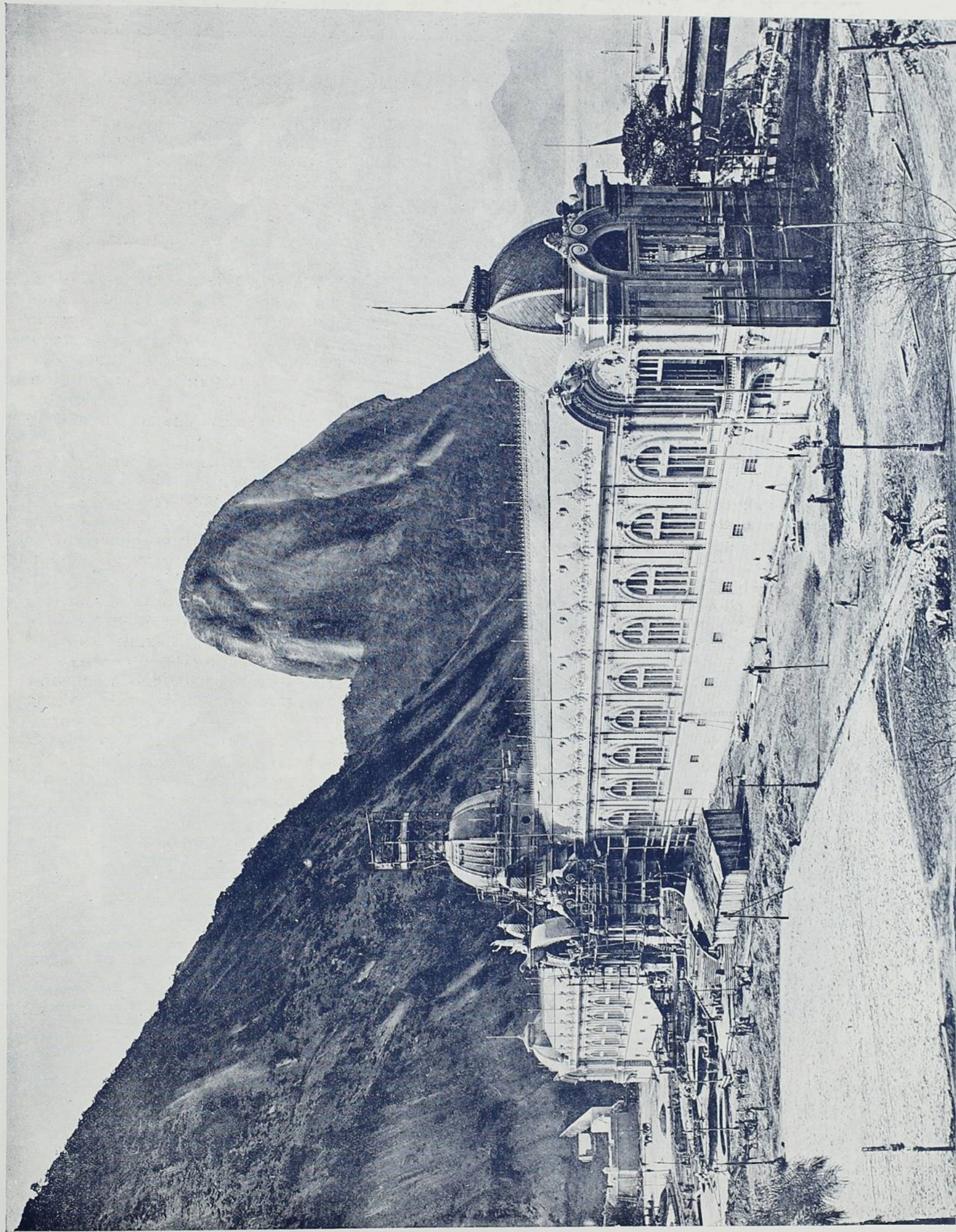
Eis o que guardo, em memoria, sobre o apparecimento do *Primo Basilio* no meu tempo, porque fui desses ingenuos meninos que andavam com os compendios d'exames ao sovaco e laço rubro no collarinho, a endeosar nomes, entre os quaes de muita gente patricia que, á luz de hoje, não vale um dos quatro pés do velho sophá onde li o nosso amado artista, posto que, se o sophá se desengonçasse por falta de tres pés, essa mesma gente teria com que o equilibrar.

GONZAGA DUQUE.





# EXPOSIÇÃO NACIONAL



O PALACIO DAS INDUSTRIAS EM CUJA FACHADA IRA O CHATEAU D'EAU







## NA FRONTEIRA

## O FRÓYLAZ

REMA certo, *moçada*!

Aguenta a prôa, Vicente!

Bradava o Fróylaz, de pé na pôpa da canôa, correndo as grandes cachoeiras do rio Santo Antonio, acima do arroio grande, que os primeiros demarcadores do século 18º apellidaram das Taquaras.

O rio, após longo estirão manso e tranquillo, onde attinge á sua maxima largura, embraveçêra.

Saltava impetuoso, salvando penedias de basalto, cuja negrura realçava as espumas alvas dos escarcéos.

O sol ía bem alto e os seus raios irisavam-se, dando em cheio nos marouços azulados.

As margens de pedregaes, cobertas de bosques emmaranhados de *taquarembós* e *taquarys*, que subiam pelas collinas verdeneiras em manchas de tons claros, eram desertas.

O homem civilizado não havia substituido ainda o selvagem, que alli vivêra.

Os moradores daquellas tristes agruras eram as antas e as onças, os *tajassús* e *jaguatiricas*, as *iráras* e os veados, em guerra sem treguas.

Estava proximo um salto: ouviamos-lhe o estrondo a poucos metros. O momento era critico.

A canôa, saltando na crista das vagas, bateu num rochedo submergido e ia atravessando.

O proeiro metteu o remo de encontro e ella ganhou o fio da corrente.

Rema, rema forte!

Bradou com energia o timoneiro.



CORRENDO UMA CACHOEIRA DO SANTO ANTONIO. (1903)

O fragil lenho descia veloz, equilibrando-es aos tombos no dorso espumante das ondas.

O abysmo escancarou-se adiante. Fróylaz, erecto e calmo, mediu-o num relance e pôz a espadilha á meio.

Os remos cavaram fundo nas aguas, a prôa suspendeu-se no ar e afocinhou abaixo nas marejadas do remanso.



NO REMANSO DUM SALTO DO SANTO ANTONIO. (1903)

A canôa deu ligeiro mergulho e sahiu adiante, balouçando-se airosa e escorreita.

O rio parecia fatigado; deslisava manso e liso. Deixámos á esquerda o bellissimo arroio da Cascata que conserva o nome dado pelos demarcadores de 1759, e se despenha, como um lençol de prata, do alto dum penhasco de basalto sobre a madre do rio.

Mais abaixo procurei a sepultura do velho Patricio, que alli ficára para sempre em o dia 6 de Janeiro de 1888.

Era de Minas Geraes, serviu mais de 20 annos como soldado de cavallaria e combateu nas fileiras do bravo 2º regimento de Osorio na batalha de Monte Caseros.

A cruz que mandei plantar havia desapparecido devorada pelo cupim ou sumida no meio da opulencia da matta, que parecia ter readquirido a perdida virgindade. Apagaram-se todos os vestigios.

Do esforçado veterano só restava a minha saudade.

O dia descambava rapido; e o Iguassú estava ainda longe.

Das bandas do sul levantou-se um negrume sobre o cimo da floresta, que mal a brisa agitava. Era o *olho de boi* precursor dos tufões.

Não alcançariamos a embocadura com dia.

Perguntei ao Fróylaz: chegaremos antes da tormenta?

Que esperanza, General; ella não tarda.

Sentimos um arrepio no rio e na matta e as nuvens a galopar negras no espaço.





Sem demora escureceu e ouviu-se um ruído singular; parecia um gemido. Dir-se-ia que todas as árvores daquela floresta imensa imploravam piedade á ventania que avançava rugindo e ameaçando arrancal-as pelas raízes. Tudo ficou em treva e a chuva açoutava-nos impiedosa.

Felizmente o Fróylaz tinha o instinto do homem da natureza e não se perderia naquella escuridão. Alumiavam-lhe a rota os relâmpagos e os raios, de vez em quando.

Descíamos velozes, sem um choque, sem um embate sequer nas pontas dos rochedos que emergiam do leito do rio ou nos galhos das árvores, que pendiam das barrancas.

Ninguém falava; — a única voz era a da tempestade.

Chegamos tarde ao acampamento da foz, — onde a turma do Major Benjamin Barroso acabava de erigir na margem brasileira um bello marco monumental, fronteiro ao argentino da margem opposta.

E' preciso passar mezes e mezes em rios estreitos de margens barrancosas, cobertas de matta, onde as montanhas vão morrer, escondendo o céu, que só apparece em pequenas nesgas, para avaliar o prazer que senti, quando o dia raiou claro e sereno e o olhar se estendeu satisfeito sobre a vasta superficie tranquilla do Iguassú e della subiu ao céu ainda velado, perto do horisonte, pelas nevoas alvadias do inverno.

A alma desafogou-se e bebeu o espaço infinito á largos haustos.

Fronteiro ao nosso, do outro lado do Santo Antonio, a 80<sup>m</sup>,0 de distancia, via-se o acampamento argentino, com um grande mangrullo donde observavam os officiaes á noite os signaes luminosos do cerro Bandeira, para a determinação da differença de longitude com o cerro do Costa, no kilometro dez da linha do mais alto terreno entre as cabeceiras principaes do Pepiry-guassú e Santo Antonio.

O nosso acampamento era dos mais pinturescos: as canôas atracadas á bella escada do porto, o marco em forma de obelisco, de pedra e cimento, repintado em mosaico irregular com arestas vivas, sobre um pedestal de largos degraus, donde subia com cinco metros de altura, tendo numa face o escudo do Brasil, de bronze, caprichosamente fundido; as tendas esparsas harmonicamente; cerca de dous hectares roçados e limpos; e palmeiras diversas plantadas copiosamente no alto da barranca.

Demoramo-nos um dia apenas; e no outro, em madrugada alta, nos partimos Iguassú abaixo.

Estava frio e humido. Ainda ao lusco-fusco, enfrentámos a ilha do Pesqueiro, onde o marco brasileiro, com o escudo voltado para o canal argentino, surgia alvacentos da semitreva do bosque.

A manhã era de brumas e dava-nos calefrios o vento cortante, que franzia levemente a face ampla do rio, que tem defronte do Santo Antonio, mais de meio kilometro de largo.

Abrigava-me um ponche forrado, e tapava-me as orelhas um lenço de seda.

O Fróylaz, em mangas de camisa e descalço, dirigia, de pé na pôpa, atravez os penedos, a canôa que corria ligeira pelos meandros das corredeiras e pequenos canaes, tornados mais numerosos pela vasante. Estava molhado da cabeça aos pés, porque mais de uma vez, lançou-se ás aguas, para desembaraçar das pedras a pequena embarcação.

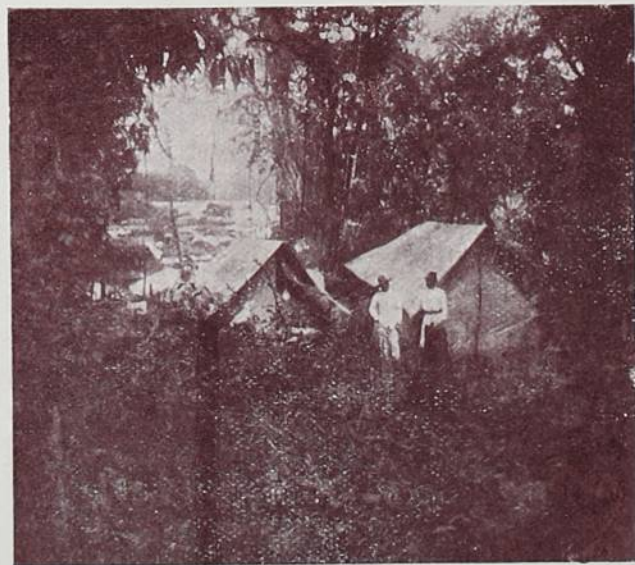
Passámos em desfilada os arrecifes das Antas, na ponta da « Ilha Grande », os saltos da Canôa e do Leão, os rapidos dos sarandysaes das Quatro Irmãs, as cachoeiras do archipelago das Taquaras, e o salto Irene.

Ao meio dia paramos na margem brasileira para almoçar.



ALMOÇANDO NA MARGEM DO IGUASSÚ. (1903)

A' tardinha deixamos á esquerda a « Ilha Só » e abicamos ao porto de Santo Agostinho



ACAMPAMENTO DE SANTO AGOSTINHO. (1903)





Tinhamos percorrido cem kilometros e estávamos a cinco acima das maravilhosas cataractas, que têm, na época da estiagem, força que avaliámos em um milhão e novecentos mil cavallos.

Do grande «Salto da União» pelo qual passa a linha divisoria até a embocadura, a distancia é de vinte e quatro kilometros.

Em Santo Agostinho foram encontrados cacos de louça antiga fundamente soterrados, cuja data talvez remonte á época dos jesuitas.

Foi alli provavelmente que os padres da Companhia — Diego Borôa e Claudio Ruyer fundaram em principios do seculo 17º a povoação de Iguassú da Missão de Santa Maria la Mayor, que teve a duração ephemera de doze annos apenas, pelo medo que fizeram os mamelucos paulistas ao padre Contreras, perguntando-lhe com interesse pela gente do Iguassú e do Acaray.

Dois mil e duzentos iguassuanos emigraram para a margem do Uruguay e lá fundaram entre Concepcion e San Javier outra missão com o mesmo nome, da qual existem hoje as ruínas sem importancia.

Fróylaz voltou de Santo Agostinho. Fiz-lhe regalo do meu ponche e do lenço de seda; lembrando-me dos serviços que me prestára e do frio daquella manhã glacial, que elle supportou desabrigado, sem tiritar e alegre.

Era rio-grandense.

Alvo e corado, a sua cabelleira era negra e anellada e a barba fina e farta.

A estatura era mediana, o rosto bonito e o corpo elegante.

Na segunda viagem, que fez pelo Iguassú e Santo Antonio, conheceu-lhes os segredos e era o seu melhor pratico.

Nascêra nas Missões brasileiras e morava na margem do Uruguay, perto da bôca do Cumanday.

Nas bravas lides, em que os esquadrões se travavam barallados a espada de Fróylaz coriscava, vermelha de sangue.

Depois da paz, ficou mais pobre do que era.

Fez-se lavrador naquelle feracissimo deserto, onde ninguem havia para lhe comprar os productos.

Caçava nas mattas magestosas, disputando a prêsa ao tigre, unico soberano dellas.

escava nas aguas do grande rio; e assim vivia sempre em dura e penosa luta.

O violão e a mulher adoçavam-lhe a vida e a pobreza.

Quando a commissão subiu o alto Uruguay, conchavou-se como peão.

Recommendou-se logo pela intelligencia e pelo esforço do braço. — Ninguem era mais habil em solver as difficuldades, que surgem á cada momento nessas paragens solitarias e sem recursos.

Com a mesma galhardia arrojava-se ás coleras das cachoeiras e saltava no dôrso dos pôtros bravos: — tão dextro canoeiro, quão bizarro cavalleiro.

Nenhum *guasca* dava mais elegante um tiro de bôlas, nem laçava na disparada um touro bravo.

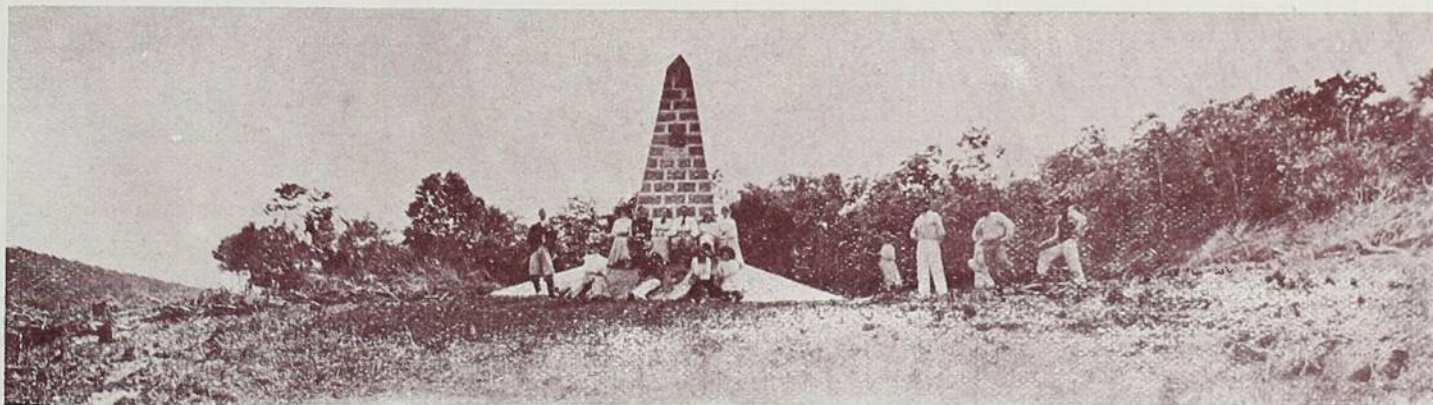
Não o fatigavam as marchas penosas por montes e valles, campos e selvas cerradas de taquaraes, com atascadeiros e pedregaes.

Si lhe faltavam as botas, não ficava depeado ao palmillar as picadas cheias de tócos e semeadas de espinhos.

Tão forte a cavallo, como á pé.

Era um bello typo do gaúcho da fronteira rio-grandense.

Terminada a demarcação do Uruguay, a maior parte dos peões despediram-se e voltaram para os seus sitios.



MARCO BRASILEIRO DA FOZ DO RIO IGUASSÚ. (1903)

Adquiriu fama de valente na revolução federalista, onde ganhou os galões de capitão.

Contavam que nas arrancadas bravias, a sua lança era a primeira que topava nas fileiras contrarias.

Fróylaz acompanhou-nos para o Paraná.

Quando parti de Posadas, rio acima, para escolher o lugar onde devia ser erigido o nosso marco da foz do Iguassú, levei-o comigo.





Armámos as nossas tendas de campanha em uma pequena praia, logo acima da confluencia, na margem do Paraná.

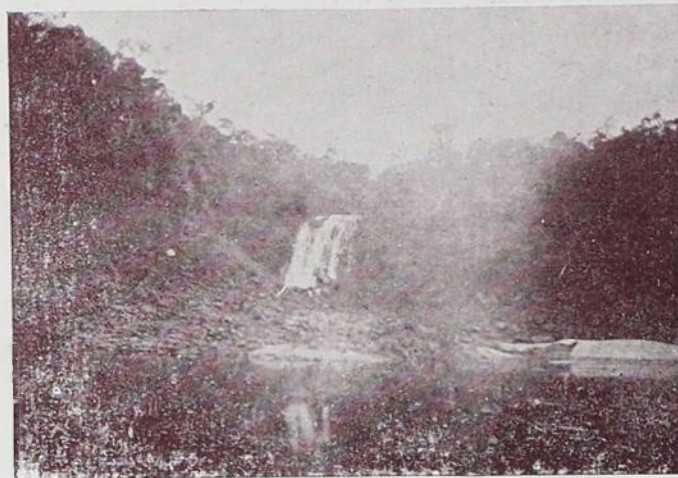
O grande rio do nosso planalto central corria veloz e redemoinhando pela nossa frente; separando-nos do Paraguay, cujas opulentas florestas viamos, á pouco mais de trezentos metros, emergindo das areias brancas e dos basaltos negros da margem.

Esse rio immenso, a que os guaranys deram o nome de — Parente do Mar — corre constringido, entre altas barrancas, num leito, que se vai apertando mais e mais, á medida que se avizinha do maravilhoso salto das «Sete quedas» ou de Guayra, abaixo do qual tem apenas 60 metros.

Os torvelinhos ou *funis*, como são denominados pelo povo, vão não raro de margem á margem.

Quando o remontei até Pozuelos em 1903, a bordo dum excellente vapor da casa de Nunez y Gibaja de Posadas, via as aguas turbinosas girando com velocidade vertiginosa

Thereza, Itaembé, Pozuelos e Carapá ou Igurey, do Paraguay; e nossos — o Ocoy, Igovy, S. Fran-



PEQUENO AFFLUENTE DO PARANÁ

cisco ou Jaguar, rico de hervaes, Jairy-mirim, Alvaro Nunez e Ipané. Todos esses duzentos e tantos afluentes despenham-se em cascatas mais ou menos proximas do leito do suzerano.



O VAPOR ESPAÑA ENTRANDO NA FÓZ DO IGUASSÚ EM DEMANDA DO PORTO AGUIRRE.

para o fundo do vortice, que se abria no meio do rio, e o Espana vibrando cortar rapido e offeguento as espiras que o envolviam e pareciam querer arrastal-o para o abysmo.

Desde a foz do Iguassú até ao Salto de Guayra, a distancia é de 190 kilometros. Nesse curto trecho, um dos mais bellos e apraziveis do mundo, affluem, do lado do Brasil, uns cento e vinte rios e arroios e outros tantos do lado do Paraguay.



PEQUENO AFFLUENTE DO PARANÁ

Alguns são de consideravel cabedal como o Aca-ray, Iacanguassú, Santa

Alguns ha que se precipitam directamente sobre as aguas do Paraná; são os menores.

Ambas as suas margens são povoadas de nobres florestas de preciosas madeiras de lei, que occupam a parte mais elevada da barranca. Na inferior, perto das aguas, vêem-se ás faxas verde-claras dos taquarassús, que attingem proporções collossaes.

Bem perto do nosso pequeno acampamento, a pouco mais de kilometro e á montante, viamos o porto do nossa colonia militar, onde então não existia uma só embarcação.

As canôas de cedro, que mandei construir para a turma do Major Benjamim Barroso, no Iguassú, já estavam amarradas acima das cataractas. Restava-nos sómente uma para o nosso serviço.

Mandei-a á colonia com dois peões. Amarraram-na no porto e subiram pelo estreito carreiro tortuoso, que se torce pela encosta da collina e vai ter á séde do estabelecimento.



Quando os homens voltaram, a canôa havia desaparecido: roubaram-na.

Pouco depois passava pela frente do nosso acampamento, navegando ao meio do rio, e tripolada por dois homens.

Fróylaz conheceu-a e chamou-os á falla. Não foi attendido e remaram mais forte.

O valente rapaz não hesitou um momento. Despiu-se e lançou-se as aguas profundas e velozes com a adaga nos dentes.

Nadou ás braçadas para a canôa fugitiva. Os ladrões remavam á voga arrancada e o tritão rio-grandense perseguia-os impavido, com os hombros largos e o peito fóra d'agua.

Singular perseguição!

Assistiamos attonitos áquella scena de epopêa.

Os proprios canoeiros espantaram-se. Distraíram-se e iam ser abordados.

O gaúcho levantou um braço para alcançar a canôa.

O piloto ergueu-se e acenou-lhe, com o remo, um golpe á cabeça.

A luta era de morte.

O temerario desapareceu no seio das aguas, que se fecharam sobre elle e a pequena embarcação descia mais rapida.

A nossa anciedade era indescriptivel.

Fróylaz surge de repente á flôr do rio com a mão esquerda agarrado á borda e com a adaga na direita ameaçando a garganta do timoneiro.

Saltou dentro encarranchado nas costas do bandido e apoderou-se da garrucha, que elle tinha á cintura.

Dominou-os a ambos. Fêl-os remar para o nosso porto e apresentou-m'os, sem alardo da sua extraordinaria proêza.

Um era paraguayo, foragido das justiças da sua terra; o outro, brasileiro, desertor da colonia.

Como esse bravo, o Brasil conta innumeros filhos espalhados pela vastidão das suas terras.

DIONISIO CERQUEIRA.





## BUENOS AIRES

O SENTIMENTO DA UNIDADE NACIONAL — OS  
TRES VISINHOS DO SUL — OS VISINHOS  
LONGINQUOS — ASPIRAÇÕES.

## IV

NÓS no Brasil, desde pequenos, começamos a conhecer a Europa e a nada saber da America, entrando na vida nacional, na vida intima, na vida privada do Velho-Mundo atravez da sua amavel e fecunda litteratura. Em geral um moço de certa educação que chega aos vinte annos principia a ser um familiar das coisas e dos costumes transatlanticos, principalmente dos da França. Os rapazes que nasceram depois de 1870, conhecem mais, quando estudam Historia, a guerra franco-prussiana do que a guerra do Paraguay; e descorrem com mais segurança sobre os episodios da Revolução franceza e da epopéa napoleonica do que sobre as nossas mais intimas paginas nacionaes, como a Independencia, a Abolição, a Republica, — para só citar os pontos culminantes. «Nós não temos historia», costumam dizer os moços. Como não temos? Então as lutas dos Portuguezes, dos Indios, dos Hollandezes e dos Francezes são fantasia? Não é por acaso historia a conservação d'esse immenso territorio? Não é historia esse milagre da unidade nacional que manteve a lingua e a tradição em um vasto paiz que se formava, que no seu verdadeiro macisso nacional jamais se desagregou, mesmo com o exemplo da Colombia? «Não é historia porque não tem passado», dizem. — Esquecem que averdadeira Historia de França começou na Revolução que barallhou todo o passado, que destruiu toda uma antiguidade e que se espalhou como um raio de luz em todo o mundo occidental. E que foi a Revolução franceza senão um poderoso reflexo da Independencia americana? Foi um subdito de uma colonia ingleza, foi Washington que ensinou a liberdade á Europa. O mais é effeito das bellas palavras: Roma, o Tibre, Romulo e Remo, a Soba, as Sabinas, Cesar, as Gallias... — Litteratura. A Italia nasceu em Garibaldi. — Mas é que a Historia, a historia que fica no coração e na imaginação, que commove, que inspira, é a historia dos romances, do theatro, das poesias, — das phrases. E nós temos poucas d'essas ultimas. Temos «o unico tumulo digno de um almirante battavo», temos «já se casaram esses bobos», «independencia ou morte»,

«de nós dois a magestade sois vós», «por mim não se derrama sangue», «á bala...» Creemos algumas phrazes como: «Tout est perdu, fors l'honneur», «Paris vaut bien une messe», «j'ai failli attendre», «tirez les premiers, Messieurs les Anglais», «du haut de ces pyramides...», «non, Monseigneur, je suis mort...» Creemos umas duas duzias de coisas *por el estilo*, e vereis, historiadores do meu paiz, como a mocidade aprenderá a Historia do Brasil. Emquanto os eruditos não dão o seu parecer, aqui vão uns exemplos que podem servir provisoriamente. Para Mem de Sá: «Aqui será o verdadeiro paraíso.» Para Tiradentes, na forca: «O meu ultimo suspiro é o primeiro vagido da liberdade.» Para o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão: «Meu Deus, restituo-vos as azas de Icaro.» Para Evaristo da Veiga: «Fiat lux.» Para Ozorio: «A vanguarda? A vanguarda sou eu.»

Todas as historias são parecidas e se resumem nas guerras e nas conquistas; são os historiadores e os poetas que as embellezam. Que seria do povo de Israel sem Renan, dos primeiros christãos sem Chateaubriand, dos Gregos e dos Romanos sem tantos seculos de litteratura? Embellezemos os episodios da nossa nacionalidade, façamos falar a fantasia, e a Historia do Brasil será uma das mais bonitas do mundo. Sejamos tambem menos indifferentes ás coisas de casa e ás dos visinhos, conservando sem embargo o mesmo ardente e justissimo culto á intellectualidade europeá. Que a mocidade tenha um pouco de educação civica; façamos do menino um homem antes de fazel-o um super-homem. O resto vem por si.

Não sei quem foi que disse que os Brasileiros são os Parisienses da America. E' verdade, nós somos espirituosos de mais, e é este o nosso mal; os Francezes são muito engraçados mas fizeram a França; nós devemos acabar de fazer o Brasil. Devemos pôr no registro da pillheria um aviso como o da *Maison Tellier: fermé pour cause... de construction*. Não quer isto dizer que sejamos tristes; pôde-se sêr alegre e levar a vida a serio.

\*  
\* \*

Assim me falava um amigo e patricio, durante um intervalo, n'um theatro em Buenos Aires, onde só representam peças genuinamente nacionaes.

Lêstes bem, escriptores brasileiros, peças genuinamente nacionaes? Isso é admiravel em um paiz como a Republica Argentina, onde, apesar das dezenas de casas editoras, do favor do publico, da animação da critica, a producção litteraria ainda é incomparavelmente menor do



que a do Brasil. Alli, como no Uruguay, quando apparece um verso bonito, empurra-se o autor para cima, em vez de empurrar-o para baixo como se faz em outros paizes. E os Argentinos e os Orientaes adoram os poucos litteratos brasileiros que conhecem. Mas como os ha de conhecer o grande publico si os nossos jornaes, com raras excepções, desdenham o romance brasileiro e publicam nos seus folhetins velharias e banalidades? Como havemos de sair dos nossos limites, si, esceptuando Lucinda Simões, as companhias dramaticas portuguezas que vão ao Rio e S. Paulo ganhar dinheiro não representam uma peça nacional? Dir-se-á que não ha escriptores dramaticos actualmente no Brasil, desde que se calou o illustre Arthur Azevedo. Ha sim. Ha muito homem de letras que tem na sua gaveta comedias e dramas em prosa e verso, — á espera de que os Novelli e as Réjane do idioma de Camões cáiam do céu por descuido.

N'essa noite justamente representavam-se duas peças argentinas; uma, drama popular do genero *Ambigu Comique*, a outra, chistosa comedia, com acção em Buenos Aires e na provincia, chamada, si não me engano, *Silvino Abrojos*. — Theatro cheio, autores argentinos, actores argentinos, sotaque argentino, costumes argentinos. — Meu Deus, em que dia um viajante do Rio da Prata dirá isso em relação ao Brasil?

Despedindo-se de mim, o meu amigo lembrou:

— Não deixes de vir amanha! Levam uma peça mais caracteristica, mais typica, com acção na fronteira, com danças nacionaes, com danças brasileiras... Eu venho sempre matar saudades; é uma peça argentina, mas é tambem brasileira: é a fronteira, é o Rio-Grande, é a minha terra.

-- Então, até amanha!

— Sem falta!

— Sem falta...

O meu amigo tinha razão: era uma peça typica, cheia de amor e de ciúme, tirada do natural, — e durante uma hora de emoção, lembrei-me do *Gaúcho* de José de Alencar, d'essa bella e terrivel pagina da nossa litteratura, em que são tão formosas as paizagens, tão bem pintadas as personagens, hoje injustamente esquecidas porque o Rio-Grande é muito longe, porque a futilidade se alastra como uma nodoa de anil, porque os gaúchos não são socios de cordões carnavalescos nem são moços «smarts» do curso de Botafogo.

Sim, estão limitando o conhecimento do Brasil á rua do Ouvidor, á Avenida Central, ao Pavilhão Mourisco, a Petropolis e ás estações de Agua de Caxambú e Lambary; os mais

audazes chegam até S. Paulo e até Minas; o resto... só na carta geographica. O Rio está padecendo agora do mal de «elegancite aguda», seguida de todo um cortejo de symptomas graves pela frivolidade. Os livros passam despercebidos mas não as gravatas dos dandys; dos mostradores do Garnier, do Laemmert, do Alves fogem os grupos a procura das vidraças dos luveiros; e a vigorosa, elegante lingua dos *Luziadas*, dos sermões de Vieira, dos sonetos de Bocage, das paginas de Garret e de Herkulano, dos romances de Eça de Queiroz, dos versos de Gonçalves Dias, deserta como uma esquadra vencida, sob os apupos dos «up to date», dos «smarts», dos «derniers bateaux».

Ha de vir, porém, o grande movimento da reacção, porque «não se tapa o sol com uma peneira», como diz o povo. Na Russia hoje não se escreve uma novella que não seja logo conhecida em toda a Europa, em todo o mundo; passará entre nós essa crise mundana, passará a mania carnavalesca que tudo esquece, e prosperarão as puras letras, haverá mais respeito pela obra d'arte, e o mesmo povo que fez a obra-prima do Rio de Janeiro, fará a gloria da sua intelligencia.

A Hespanha edita autologias dos poetas hispano-americanos. Ruben Dario, Zonilla de San Martin, Clemente Althans, Chocano, Valenzuela, Mitre, Ricardo Palma, Juan Carlos Gomez, Garcia Merou, Guido y Spano, Campusano ha muito que chegaram ao mundo intellectual hespanhol, levando á velha patria a gloria das patrias novas. E quantos são os litteratos brasileiros conhecidos em Portugal? — A culpa é nossa, é culpa da nossa apathia, da nossa indiferença. Não ha jornal do Rio que não tenha sobre Portugal as mais minuciosas informações; e em Lisboa, durante doze dias, procurei inutilmente um telegramma do Rio de Janeiro! Na sala de leitura dos transatlanticos tereis á escolha os principaes diarios de Buenos Aires, as principaes revistas; nem um, nem uma do Brasil.

\*  
\* \*

Entretanto ha bôa vontade a nosso respeito; e Deus queira que em breve em toda a America nos conheçamos uns aos outros como se conhecem os tres mais proximos visinhos do continente: o Rio-Grande, o Uruguay e a Argentina. A vida d'esse glorioso Estado brasileiro, o seu progresso, o seu trabalho, os seus homens são aqui no Prata pelo menos tão conhecidos como no Brasil; e percebe-se claramente que esse conhecimento se vae extendendo ao Paraná, á Santa Catharina, ao Rio e





a S. Paulo. Para que essa feliz approximação seja mais rapida, dentro dos meios naturaes, basta que se faça a permuta dos diarios do Rio com os de Buenos Aires e de Montevideo. Si essa permuta existisse, si ella fôsse regularmente feita, um jornal de Montevideo, referindo-se ao centenario da nossa imprensa, não citaria entre os principaes periodicos do Rio de Janeiro nomes truncados como *Diario do Brasil*, *Diario do Commercio*, *Jornal da Manhã*, querendo falar no *Jornal do Brasil*, no *Jornal do Commercio* e no *Correio da Manhã*.

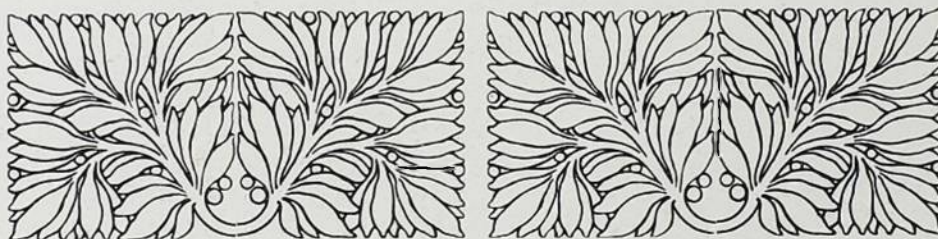
Mui legitimamente aspiramos entrar no convivio europeu, ter alli o nosso logar marcado, dar discretamente a nossa opinião, sêr attentiosamente ouvidos. Como politica levamos uma democracia modelar que se aperfeiçoa dia a dia, uma exemplar tolerancia religiosa e a maior conquista da diplomacia moderna: o arbitramento. Como força de trabalho levamos a obra grandiosa do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Como civilisação levamos o saneamento da nossa capital, esse nunca assaz louvado es-

forço de Oswaldo Cruz. Como capacidade administrativa, a unidade do nosso immenso territorio cujos longinquos sertões apenas despertam. Como superioridade, todo um seculo de arte e de litteratura. E para annunciar esse advento, um exercito occupado em manter a paz, uma esquadra para dizer que o paiz tem dono.

— Legitima aspiração. Mas antes virá o comicio entre os afastados visinhos, porque, sem inutil figura de rhetorica, n'este Continente nós todos nos devemos mutuamente uma grande fraternidade, e porque é ridiculo que os Americanos só se conheçam atravez da Europa. — E' a obra das estradas de ferro, n'uma época não remota em que se tome o expresso no Rio de Janeiro para ir a La Paz, — como como se vae de Paris a S. Petersburgo...

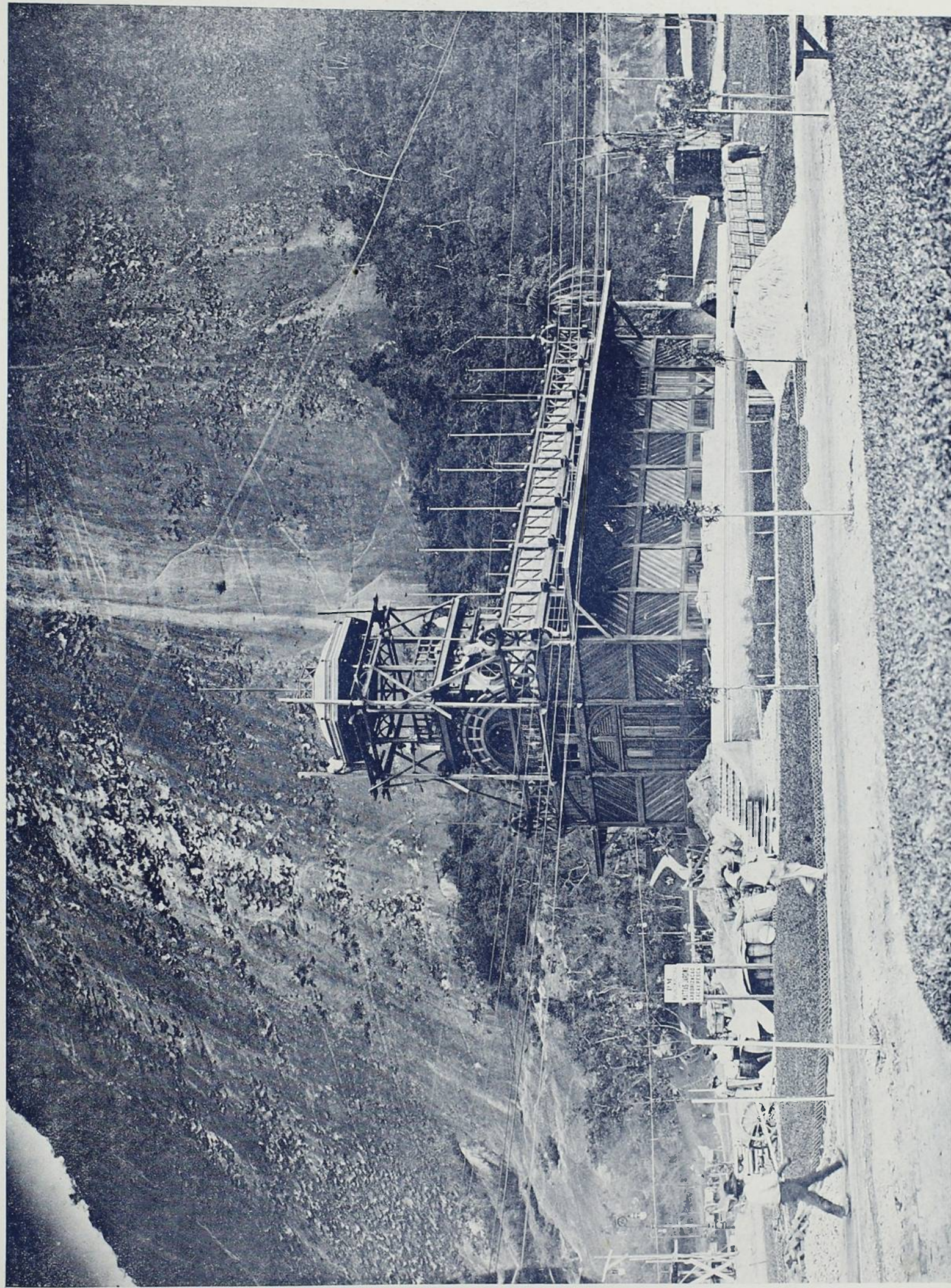
*Montevideo — Junho, 1908.*

THOMAZ LOPES.





# Exposição Nacional



PAVILHÃO DA INSPECTORIA DAS MATTAS, ARBORISAÇÃO, JARDINS, CAÇA E PESCA  
DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL



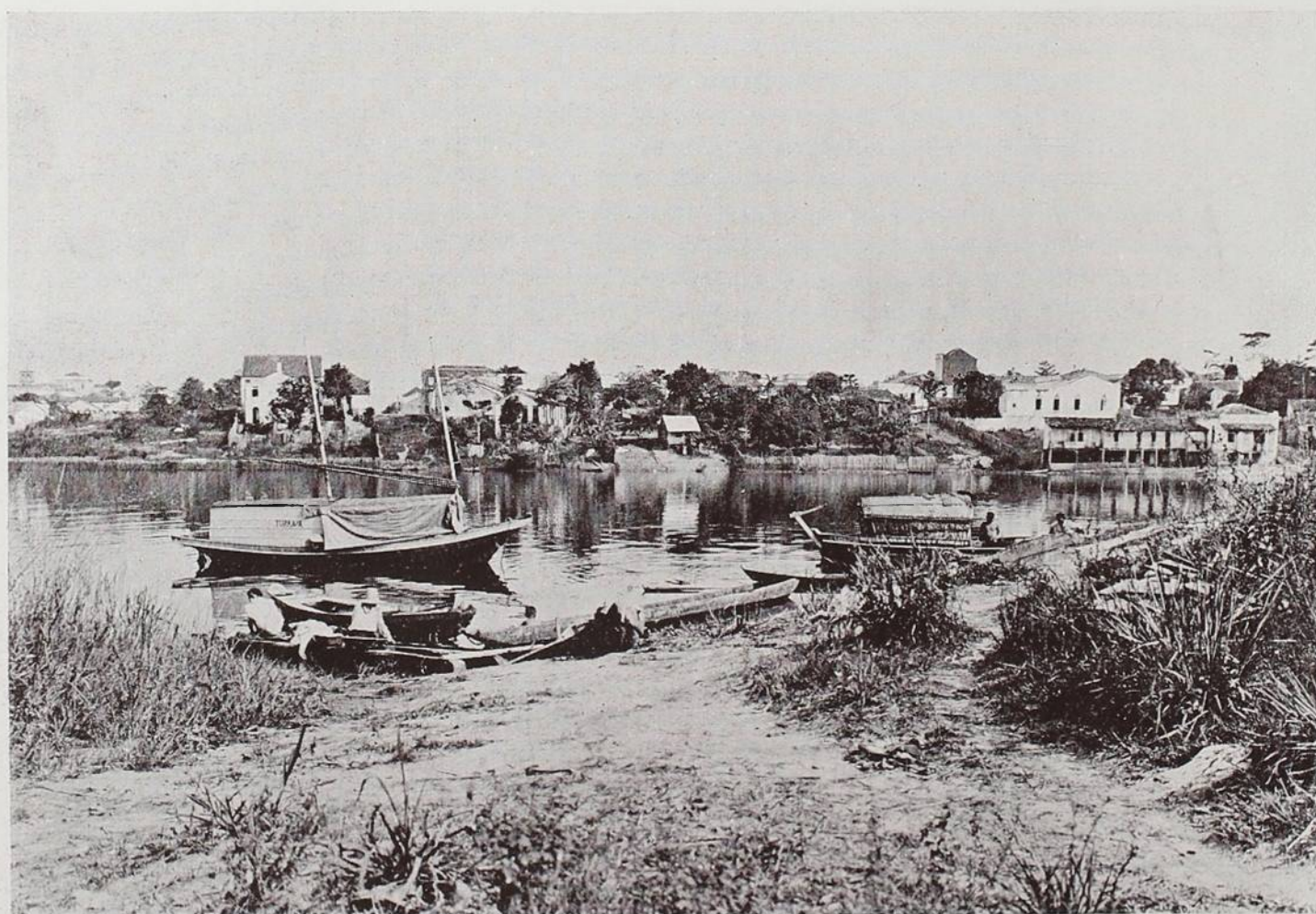






AMAZONAS — ARREDORES DE MANÁOS





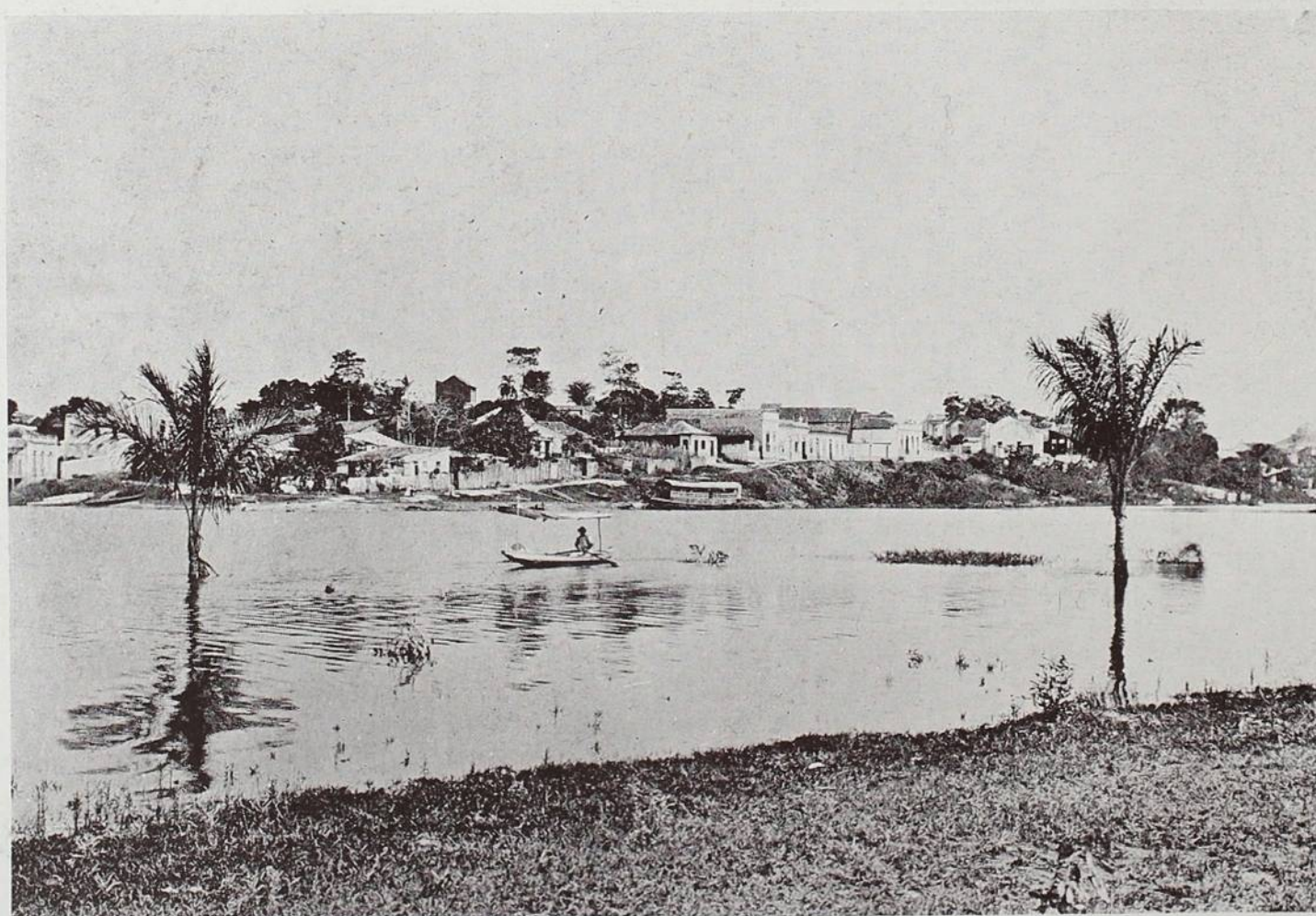
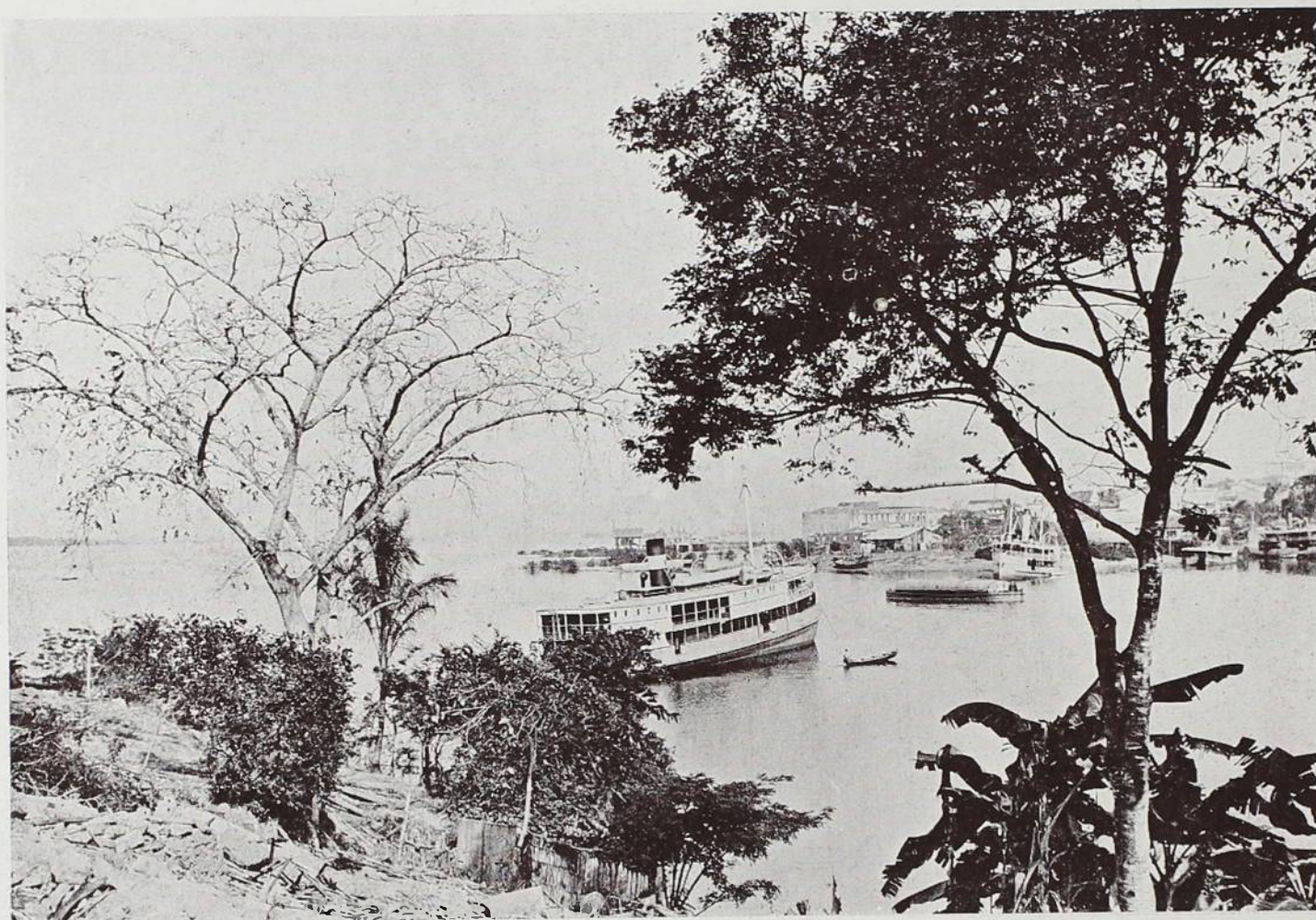
AMAZONAS — ARREDORES DE MANÁOS





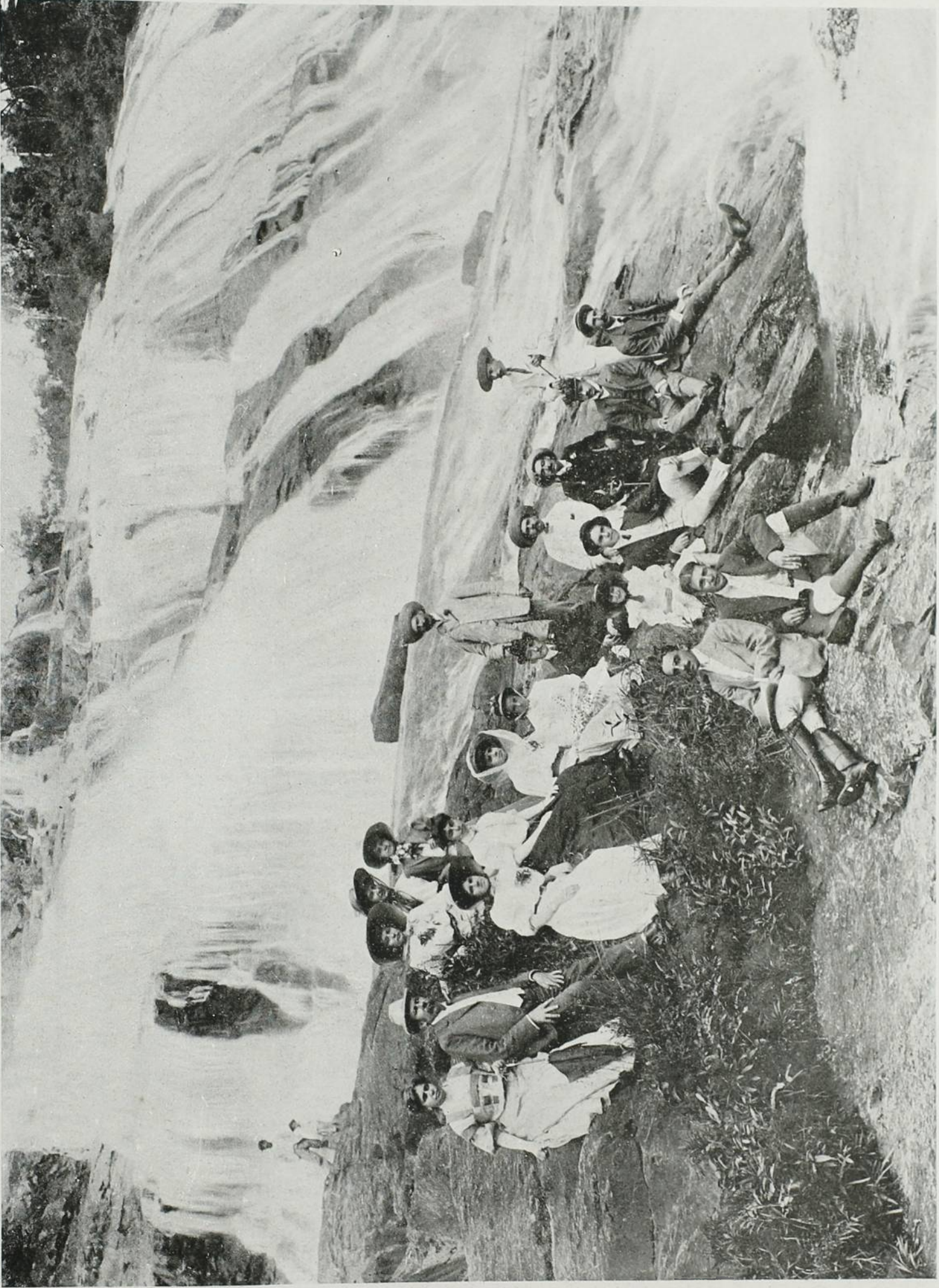
AMAZONAS — ARREDORES DE MANÁOS





AMAZONAS -- ARREDORES DE MANÁOS





CACHOEIRA GRANDE - POÇOS DE CALDAS



## Recordações de Viagens

ERA uma destas bellas e limpidas manhãs de Maio, que extasiam a alma e a fartam das mais consoladoras e mysticas impressões.

Injunções da afanosa profissão me retinham no sertão, onde fasia parte da commissão constructora da linha telegraphica para Matto-Grosso.

Depois de alguns dias de permanencia na Capital de Goyaz, tive de regressar ao acampamento, levando material da linha.

Iniciei a viagem sob os melhores auspícios, pois o mez de Maio se incluye no numero daquelles em que absolutamente não chove em Goyaz.

A viagem em semelhante estação, que contrasta com a das chuvas, abundantes e frequentes, se couverteria em uma verdadeira delicia se não fossem os contratempos, que lhe são característicos — a poeira infrene, os pertinases carrapatos e o frio intenso.

Seguido de algumas praças, que compunham o pessoal de minha comitiva, puz-me a caminho do acampamento, correndo a viagem sem incidentes. Estavamos no dia da chegada.

Após pesado e reparador somno, que me restaurára o organismo do cansaço do dia anterior, levantei-me quando ainda se ouviam no amago das mattas o piar da jaó e o canto soturno e lugubre do urutáu. A abobada celeste estava limpa de nuvens, pelo que a via-lactea e as estrellas se destacavam em nitido e saliente relevo. De mais a mais sulcado pelas luzes fugases dos meteoros celeres, o céu parecia uma alcatifa de pedras finas, que lhe davam todos os matizes.

Eu havia providenciado para que se *fizesse uma boa madrugada*.

Durante a noite o cosinheiro alimentou attento o fogo crepitante da improvisada cozinha.

Quando o latir monotono e triste dos lobos me interrompia o somno, já prejudicado por uma dobra do leito, que era um *ligal* (couro crú de boi), ouvi bem distinctamente o crepitar do fogo, então atizado pelo mestre *cook*, e o ruido característico da fervura da feijoada, cujo cheiro chegou-me ás narinas, estimulando-me o appetite. A comida em viagem tem um aroma especifico, capaz de abrir o appetite ao maior dos dyspepticos.

A presença dos lobos influira para que a tropa apascentasse nas cercanias do poiso, que era um antigo rancho de beira no chão, coberto de folhas de *buritys*, abeirado de um modesto regato de aguas escassas.

Soou-me bem aos ouvidos o badalar isochrono do cinorro pendente do pescoço da *madrinha* da tropa. O ruido singular do corte da gramma, operado pela mandibula do animal, produz um somno delicioso, que o matraquear violento das suas orelhas interrompe aos que mal dormem.

O animal é de uma voracidade estupenda: mal apprehende com a mandibula um bocado de forragem, rapidamente a submete á mastigação e a deglute inopinado.

Tão de pressa o faz, colhe novo bocado. Só pela madrugada é que elle repouisa.

As vezes deita-se e distende os órgãos locomotores; outras conserva-se em pé, dormindo philosophicamente, pachorrentamente.

O seu somno é as vezes continuamente interrompido pela picada dos insectos. A mutuca irrita-o e obriga-o a fazer cabriolas, para se livrar de suas ferroadas.

Foi numa dessas alegres manhãs, quando a *madrinha* da tropa a retinha pelas immedições do rancho, que me levantei rapido, fazendo sem demora as abluções para tomar café, cujo aroma impregnava o ambiente.

Os camaradas não vão ao campo antes de tomal-o; e tão logo se servem delle, seguem para o campeio, arrostando o frio e a humidade.

Nesse dia a tropa não se fez demorada; e em pouco tempo estava nas estacas, a roer o classico bernal de milho. O burro é egoista e guloso por indole. Quando mastiga a sua ração, não admite que nada o apouquente; e não é raro vêr-se-o de orelhas murchas a escoicear os que lhe perturbam a refeição.

Ao mesmo tempo que devoram a sua ração, soffrem os animaes a raspagem, feita com raspadeiras de ferro; e são arreiados.

Terminada a merenda começa o carregamento.

Os costaes são collocados nos alções da cangalha, e só depois que estão todos os cargueiros carregados é que são sobrepostos os *dobros* e o *ligal*. Segue-se a sobrecarga, que é apertada até tornar a carga fixa. As vezes o esforço do camarada é tão exagerado que biparte a barriga do animal com forte sulco.

Tudo isso se fêz, ao mesmo tempo que eu e os camaradas engrolavamos o almoço, constante da feijoada e torresmos.

Estando tudo prompto, o arrieiro deu a voz de largar; e os cargueiros foram successivamente desprendidos das estacas e se puseram em marcha.

Momentos depois eu e o meu bagageiro seguimos esse movimento.

Ainda era cêdo, cerca de 5 horas. A *estrella d'alva* com o seu brilho suave, lá estava



no oriente a dardejar fracos raios de uma luz branda e meiga, que equivaliam por sorrisos capitosos de sua gracil homonyma.

Logo que deixamos o poiso embrenhamo-nos em espessa matta, que interceptava por completo a luz diffusa da abobada celeste. Os animaes andavam cautos e vigilantes.

Não era raro ouvir-se o choque de uns sobre outros ou sobre os troncos das arvores, pois as estradas, em via de regra, têm a largura de um eixo de carreta.

Um assovio adequado despertava o cargueiro do desvio que levara, e logo elle se mettia no ambito da estrada lesto e obediente.

Quando deixamos a matta, já se divisavam no horisonte os alvares da aurora: — era o dia que se aproximava risonho, a despejar luz por todos os angulos do hemipherio.

A nossa caravana marchava pacatamente por entre as campinas virentes, que substituíram a matta negra e suturna, de terreno es-corregadio e grandemente dotado de forte poder de adherencia.

Depois de percorrermos doces e suaves taboleiros de fracas ondulações, descemos fortemente um vale profundo, em cujo apertado recinto espadanava suas aguas revoltas um crystallino ribeiro, de bordas ensombradas por delgada restinga de falho arvoredor.

Em um assentado da margem opposta notamos vestigios de poisada recente de carretas e tropas. Lá estavam ainda fincadas em grupos symetricos as estacas de tropeiros.

Duas forquilhas ás quaes se sobrepunha horisontalmente uma vara de pindahyba, e as estaquinhas enterradas no solo, de lado a lado, indicavam que alli fôra armada uma tolda ou barraca.

Desde logo o aspecto do terreno se foi mudando: o cascalho grosso depositado no leito da estrada pelas alluviões, attestava a presença de uma serra, que se destacava em nossa frente.

Já não caminhamos por sobre campinas e coxilhas alegres, mas por entre outeiros que se succediam a meudo, cobertos de cerrado carrasquento, entresachado de capim gordura.

A estrada seguia os vales até que trepou a serra, zigzagueando pelas lombas, que lhe pareciam auxiliar o equilibrio. Aqui e alli se viam affloramentos de uma rocha ennegrecida, que se esphacelava produzindo uma terra fortemente colorida.

Mal venceramos a serra, com descida mais ou menos abrupta, ouvimos o trinado ensurdecido da siriema na planicie alluvial, que então atravessamos.

O cerrado se tornou menos espesso, até que foi succedido por um campo de relva adequada ás regiões humidas, de longe em longe protegido por isoladas arvores de porte erecto: eram *foveiras*, *sapucaias*, *vinhaticos*, *jacarés*, *piquis* e outras que lhe davam um aspecto menos enfadonho. As campinas desabrigadas, por isso mesmo mui castigadas pelo sol, tornam-se enfadonhas e intoleraveis.

Atravessamos algumas mattas viçosas até que deparamos a que borda as margens alagadiças de um rio silencioso, leito de fina e alva areia, com fraca declividade em seu alveo.

A vasante já era grande, de sorte que podemos vadeal-o facilmente.

Cerca de 2 leguas alem, á margem de um marulhoso regato, deparamos o acampamento da commissão, com a sua irreprehensivel fila de barracas, que obedeciam aos preceitos de campanha.

Fôra essa a derradeira marcha das que empreendemos, a partir de Goyaz, para alcançar o acampamento.

Era tarde: os soldados regressavam do serviço quando apeamos.

No rancho dos officiaes já se achava prompto o jantar.

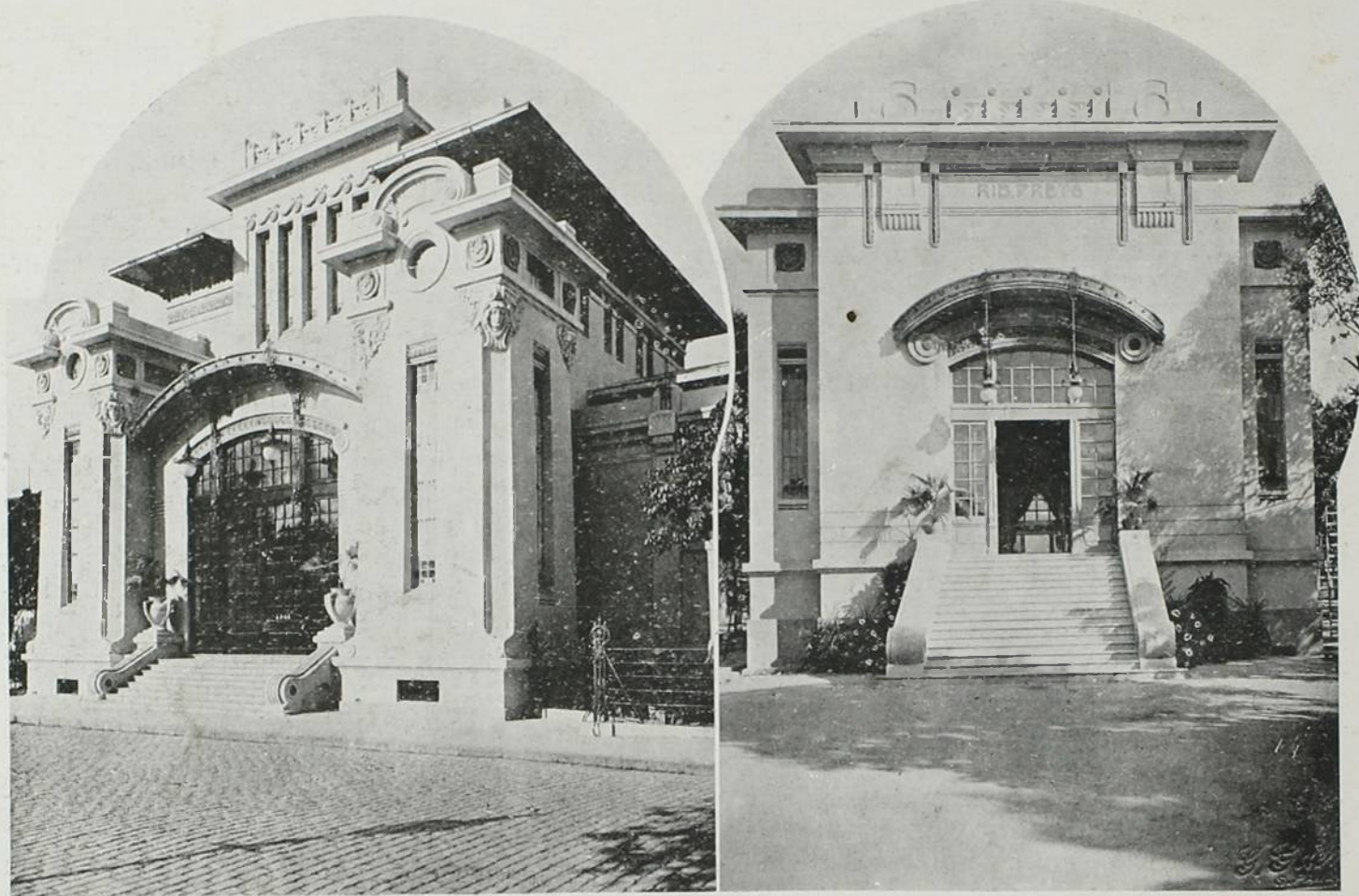
Chegamos a tempo de obedecer o toque de avançar.

Foi uma bôa refeição a que então tivemos, pois os collegas haviam feito uma abundante pescaria naquella rio, apanhando gordas matranchans.

EDUARDO SOCRATES.



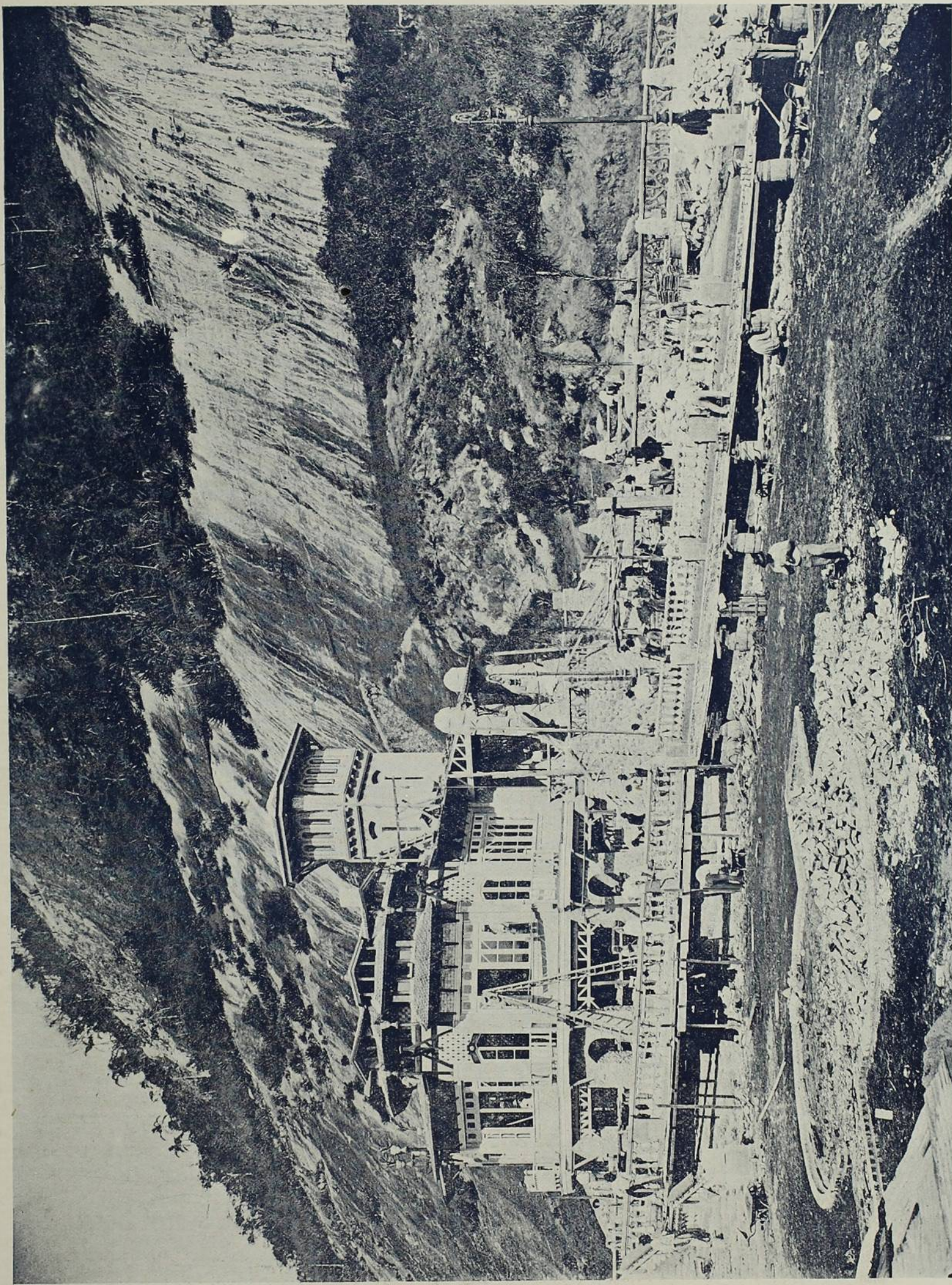
KÓSMOS



PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO PREPARATORIA DE S. PAULO



# Exposição Nacional



PAVILHÃO RUSTICO - RESTAURANT











